



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE  
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA  
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA**

**ELAINE DOS SANTOS PINTO**

**ARQUEOLOGIA QUILOMBOLA: OS PROCESSOS DE OCUPAÇÃO EM  
MURUMURUTUBA**

**SANTARÉM-PA**

**2023**

**ELAINE DOS SANTOS PINTO**

**ARQUEOLOGIA QUILOMBOLA: OS PROCESSOS DE OCUPAÇÃO EM  
MURUMUTUBA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Antropologia e Arqueologia, para obtenção de grau de Bacharel em Arqueologia. Universidade federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade

Orientadora Dra. Anne Rapp Py-Daniel

**SANTARÉM-PA**

**2023**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA**

---

- P659a Pinto, Elaine dos Santos  
Arqueologia quilombola: os processos de ocupação em Murumurutuba. /  
Elaine dos Santos Pinto. – Santarém, 2023.  
107 p. : il.  
Inclui bibliografias.
- Orientadora: Anne Rapp Py-Daniel.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do  
Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Bacharelado em Arqueologia.
1. Valorização da história quilombola. 2. Murumurutuba. 3. História oral. I.  
Py-Daniel, Anne Rapp, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 930.1098115

ELAINE DOS SANTOS PINTO

**ARQUEOLOGIA QUILOMBOLA: OS PROCESSOS DE OCUPAÇÃO EM  
MURUMUTUTUBA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Antropologia e Arqueologia, para obtenção de grau de Bacharel em Arqueologia. Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade

Conceito: 10,0

Data de Aprovação: 10/02/2023



Profa. Dra. Anne Rapp Py-Daniel - Orientadora  
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)



Profa. Dra. Marcela Andrade  
Universidade Federal do Pará (UFPA)



Dra. Patrícia Marinho de Carvalho



Dra. Myrian Sá Leitão Barboza  
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

Dedico esta pesquisa a todas as pessoas que me auxiliaram nesse processo de construção;

Dedico à Federação das Organizações Quilombolas de Santarém- FOQS; à Associação Quilombola de Murumurutuba- AQMUS; ao conselho Indígena da aldeia Munduruku São Francisco da Cavada.

Dedico ao meu pai, Antonio Pinto.

Dedico aos meus antepassados vovô Neném Pinto, vovó Bela, vovó Maria Pinto, vovô Zé Pinto, mesmo não estando conosco suas memórias jamais serão esquecidas.

## **AGRADECIMENTOS**

Quero deixar minha gratidão a Deus por sua infinita bondade e cuidado. Agradeço à minha família que cuida de mim com tanto amor. À minha mãe, dona Ruth Helena e meu pai, Antonio Pinto, que me deram a vida e souberam educar a mim e meus irmãos e irmãs, para sermos pessoas firmes, corretas e do bem. As minhas amadas irmãs, Raquel, Railana e Rafaela, minhas melhores amigas. Rafa estamos juntas mana, você me apresentou a arqueologia. Como você sempre lembra o que o papai antes falava que “filho de pobre não faz faculdade apenas sonha”. Papai falava isso pela situação financeira nossa, e porque na época não havia as políticas de cotas, sendo que, ver um filho ou filha no ensino superior sempre foi o sonho dele. E hoje estamos aqui eu e minha irmã realizando esse sonho. Sendo as primeiras da família Santos por parte da mamãe a se formarem no ensino superior. Grata aos meus queridos irmãos Abraão e Ramon, vocês são exemplos de parceria, no cuidado que sempre têm comigo.

Gratidão a Anne Rapp, minha querida orientadora, que com o tempo foi conquistando o afeto de toda a família, por ser essa pessoa generosa. Agradeço por você fazer parte dessa trajetória de vida, acredito que juntas compartilhamos e trocamos experiências, sejam da área profissional ou da vida pessoal. Obrigada por ser sempre essa pessoa que nos motiva.

Obrigada à minha amiga Francileide Rodrigues, a Cleide, a arqueologia nos apresentou mana, grata pelo carinho e acolhimento, logo você estará se formando também. Grata a todos os meus colegas da turma de 2018.

Gratidão às lideranças de Murumurutuba e da Aldeia da Cavada.,

Grata aos meus colegas que fizeram parte dessa pesquisa nos campos; Indira Amazonas, Karen Marinho, Gelciane Barboza, Carlos Alves, Jamily Porto, Tarcísio Vandekoken, Jozé Humberto, Rodrigo Sousa, Rafaela Pinto muito obrigada.

Dona Maria Lúcia e Dona Alda, obrigada pela parceria de vocês.

Agradeço aos professores ao longo desses anos de graduação, muito me ensinaram. Gratidão a Myrtle Shock e a Claide Moraes, vocês também fazem parte da construção dessa pesquisa. Profs. Camila Jácome, Bruna Rocha, Vinícius Honorato, Raoni Vale, e tantos outros que me ensinaram nesse trajeto, minha eterna gratidão a vocês.

Gratidão à igreja evangélica local, em especial aos irmãos da congregação Deus Forte. Os momentos que passamos juntos são essenciais para fortalecer meu lado emocional e espiritual. Obrigada pelas orações.

Por fim agradeço pelas bolsas que recebi nesse período da graduação: ao CNPq pelas bolsas de PIBEX e PIBIC. E ao Ministério da Educação-MEC pela bolsa permanência

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso traz como tema Arqueologia Quilombola: Os processos de ocupação em Murumurutuba. A história registrada foi contada pelos mais antigos, de acordo com a memória que os mesmos têm de seus antepassados e os vestígios que estão inseridos na paisagem. A comunidade quilombola Murumurutuba está localizada na zona rural do município de Santarém-PA. A pesquisa teve como objetivo identificar os locais relacionados às ocupações antigas, os vestígios visíveis em superfície e subsuperfície, e, através da oralidade, estabelecer uma cronologia recente de ocupação e uso do sítio/espço da comunidade. Além de mapear os locais de memória e estudar o Sítio de terra preta do Moura, identificado como sendo um dos primeiros locais ocupados pelos quilombolas. A pesquisa se desenvolveu através de levantamentos bibliográficos, entrevistas com alguns moradores e atividades campo. Os resultados obtidos mostram como se deu parte da ocupação do quilombo, os registros deixados na paisagem, pelas plantas ou árvores específicas, fazem referência as mudanças que ocorreram ao longo do tempo. Os locais de memória como os caminhos antigos nos auxiliam nesse entendimento. Este trabalho pretende tornar evidente a história da comunidade, onde os protagonistas são os próprios moradores. Esperamos que esta pesquisa seja uma ferramenta auxiliadora no processo de titulação do quilombo.

**Palavras-chave:** Valorização da história quilombola. Murumurutuba. História oral.

## **ABSTRACT**

This undergraduate dissertation has as its theme Quilombola Archeology: The occupation processes in Murumurutuba. The recorded stories were told by the elder, according to the memory they have of their ancestors and the historical remains that are inserted in the landscape. The Quilombola community Murumurutuba is located in the rural area of the municipality of Santarém-PA. The research aimed to identify the sites related to ancient occupations, the visible traces on the surface and subsurface, and, through orality, establish a recent chronology of occupation and use of the community site/space. In addition to mapping the memory sites and studying the Sítio de terra preta do Moura, identified as being one of the first places occupied by the quilombolas. The research was developed through bibliographic surveys, interviews with some residents and field activities. The results obtained show how part of the occupation of the quilombo took place, the traces left in the landscape, by specific plants or trees, make reference to the changes that occurred over time. Memory locations such as ancient paths help us in this understanding. This work intends to make evident the history of the community, where the protagonists are the residents themselves. We hope that this research will be an auxiliary tool in the quilombo titling process.

Keywords: Valorization of quilombola history. Murumurutuba. Oral history.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> - Dados disponibilizado pela equipe do INCRA.....	25
<b>Figura 2</b> - Vista aérea da comunidade de Murumurutuba. ....	37
<b>Figura 3</b> - Dona Maria Lúcia .....	40
<b>Figura 4</b> - (A) Abertura de picos. (B) Picos abertos. ....	43
<b>Figura 5</b> - A: Artefato lítico, matéria-prima granito. B: Afiador lítico .....	44
<b>Figura 6</b> - Malhadeira fios de nylon .....	44
<b>Figura 7</b> - Garrafa PET .....	45
<b>Figura 8</b> - Forno de ferro .....	45
<b>Figura 9</b> - Garrafa de vidro .....	46
<b>Figura 10</b> - Estacas caídas ao chão que remetem a casas e caminhos antigos .....	46
<b>Figura 11</b> - Antonio de Jesus Pinto.....	54
<b>Figura 12</b> - Maria Lúcia Nogueira .....	55
<b>Figura 13</b> - Mário Fernando Martins Bentes .....	56
<b>Figura 14</b> - Raimunda Pereira dos Santos .....	57
<b>Figura 15</b> - Ruth Helena dos Santos .....	58
<b>Figura 16</b> - Planta baixa das atividades em 2019.....	61
<b>Figura 17</b> - Tradagem, área de TPI .....	63
<b>Figura 18</b> - Mangueira, próximo a primeira tradagem.....	63

<b>Figura 19</b> - Tradagem (terra de minhocas).....	64
<b>Figura 20</b> - Bolotas (N950 E 1100) .....	65
<b>Figura 21</b> - Tradagem próxima ao círculo.....	66
<b>Figura 22</b> - Borda da depressão .....	67
<b>Figura 23</b> - A: Cerâmica em área de roçado. B: Cerâmica em superfície .....	68
<b>Figura 24</b> - A: Dona Maria nos guiando. B: Entrada que dá acesso ao sítio. ....	70
<b>Figura 25</b> - A: Mangueira D. Neném. B: Castanheira jovem.....	71
<b>Figura 26</b> - A: seringueiras virgens. B: Área de roçado. ....	72
<b>Figura 27</b> - Planta da baixa perto da casa do Preto .....	73
<b>Figura 28</b> - A: Forno de ferro. B: Eixos X e Y .....	74
<b>Figura 29</b> - A: Mangueira perto da antiga casa. B: Seringueiras, D. Neném. ....	78
<b>Figura 30</b> - A: vestígios de um moedor de cana-de açúcar. B: Corte em seringueira.....	79
<b>Figura 31</b> - A: Mangueira perto da casa de D. Paula. B: Cerâmica em superfície....	82
<b>Figura 32</b> - Mapa do caminho antigo. ....	83
<b>Figura 33</b> - início do caminho antigo.....	84
<b>Figura 34</b> - A: cerâmica, coletada da superfície. B: Núcleo, coletado da superfície. ....	85
<b>Figura 35</b> - A: Corte na seringueira. B: Método de coleta do látex. ....	86
<b>Figura 36</b> - Professores quilombolas no curso realizado em Murumurutuba.....	87
<b>Figura 37</b> - Patrícia Marinho, fala aos professores .....	88

<b>Figura 38</b> - Mapa das vilas .....	90
<b>Figura 39</b> - A: Piso da casa da Catarina. B: Bloco de concreto. ....	91
<b>Figura 40</b> - A: Pé de cumaí. B: Poço D. Raimunda .....	93
<b>Figura 41</b> - A: Porto Caraúba. B: Igarapé Caraúba .....	95
<b>Figura 42</b> - Piso da antiga igreja.....	99
<b>Figura 43</b> - Arqueóloga Patrícia Marinho com um pé de comigo-ninguém-pode.....	99
<b>Figura 44</b> - Mapa dos pontos.....	101

## LISTA DE TABELA

<b>Tabela 1</b> -Tabela dos materiais coletados no sítio Moura.....	48
---	----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 1 - ARQUEOLOGIA EM QUILOMBOS E HISTÓRIAS DE MURUMURUTUBA</b> .....	<b>19</b>
<b>CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA</b> .....	<b>41</b>
<b>2.1. O levantamento bibliográfico</b> .....	<b>41</b>
<b>2.2. A busca pelos locais de ocupação</b> .....	<b>42</b>
<b>2.3. Tratamento do material coletado em laboratório</b> .....	<b>43</b>
<b>2.4. Entrevistas</b> .....	<b>54</b>
<b>2.5. Produção de mapas</b> .....	<b>59</b>
<b>CAPÍTULO 3 - DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES REALIZADAS E OS PRINCIPAIS RESULTADOS:</b> .....	<b>60</b>
<b>3.1. As principais atividades de campo foram feitas em 2019 e 2022.</b> .....	<b>60</b>
<b>CAPÍTULO 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS:</b> .....	<b>102</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>106</b>

## INTRODUÇÃO

Estudos sobre comunidades quilombolas ainda são pouco desenvolvidos nos meios acadêmicos, sobretudo na arqueologia, temos os trabalhos de Patrícia Marinho de Carvalho, Fábio Guaraldo, Pedro Paulo Funari, Íris Moraes, Scott Allen, etc., mas é muito pouco. Temos estudos voltados para contextos diaspóricos que não necessariamente envolvem quilombos, como os de Luís Claudio Symanski em áreas de fazendas, João Heitor que aborda sobre a educação e inclusão dos estudos africanos, Diogo Costa no Engenho de Murutucu, entre outros. Por isso surge a necessidade de abordarmos um assunto tão significativo e bastante atual como este. De acordo com o pesquisador Fabio Guaraldo *“Dá [sic] visibilidade aos sítios de quilombos, ainda é um grande desafio no Brasil”* (GUARALDO, 2012, p.44). Realizar esta pesquisa foi e é algo bastante significativo para mim, enquanto moradora do quilombo, pois através desta pesquisa pretendo tornar conhecida a história das antigas e atuais ocupações quilombolas. Construir uma escrita acessível aos leitores, pensando nos moradores e nos meus entrevistados ao lerem este trabalho, é uma de minhas metas.

Para que o projeto fosse realizado no quilombo de Murumurutuba, foi necessário pedir autorização da Federação das Organizações Quilombolas de Santarém (FOQS), o projeto foi apresentado também à comunidade em uma assembleia para aprovação dos moradores em outubro de 2019.

Sendo assim, o local indicado pelos moradores para realizarmos a pesquisa, foi o Sítio do Moura, como é conhecido na comunidade. O sítio corresponde a mais da metade da área de terra preta na serra da comunidade, com presença de árvores de grande porte como mangueira e piquizeiro. O local é conhecido por ter sido ocupado por uma das moradoras mais antiga da comunidade. A paisagem em volta nos traz muitas informações sobre as ocupações que vem ocorrendo ao longo dos tempos. As evidências no contexto nos auxiliam a contar a história da comunidade.

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) iniciou-se através de um projeto de iniciação científica, pensado a partir das experiências extensionistas que vêm sendo conduzidas pela discente Rafaela Pinto (PINTO, 2019) na mesma região, associado

ao projeto de extensão *Arqueologia nas Escolas: Histórias da Amazônia* e ao projeto de pesquisa *Interseções de conhecimentos etnográficos e arqueológicos em contextos do Baixo Amazonas: o caso do território Aiaíá em Santarém, Pará*. O título do plano de trabalho extensionista de Rafaela foi: *Identificação dos principais temas históricos e arqueológicos para elaboração de material didático para as comunidades quilombolas de Santarém* (realizado desde 2017). No projeto dela foram realizadas algumas entrevistas com os moradores mais antigos da comunidade de Murumurutuba, para, então, tentar conhecer as ocupações antigas e apresentar os resultados em forma de exposição para a comunidade, tudo isso em parceria com a escola São Sebastião. A partir dessa atividade percebeu-se a quantidade impressionante de informações disponíveis e formulou-se um projeto de iniciação científica “*Identificação e estudo de sítio arqueológico em área quilombola*” conduzido por mim. Mais recentemente, em 2022, fomos contemplados com um projeto universal aprovado pelo CNPq, intitulado: *Memórias de vidas que brotam da terra: permanências e resistências nos quilombos do Paranã do Maicá sob o olhar da arqueologia e da história*. Sou uma das colaboradoras do projeto desde o início, e participar está sendo um grande aprendizado, no qual compartilhamos e trocamos experiências juntos com os moradores e professores.

Este projeto aprovado no edital Universal do CNPq tem como uma das metas dar continuidade às pesquisas que já estão sendo desenvolvidas por mim, Rafaela, e Tarcísio Vandekoken, em Murumurutuba, nas quais as professoras Anne Rapp Py-Daniel e Myrtle Shock e o professor Claide Moraes estão conosco desde o início. E a partir disso, abranger também outros quilombos do planalto como Bom Jardim, Tiningú e Murumuru. Neste projeto contamos com parcerias e colaborações de nossos professores da universidade e outros pesquisadores<sup>1</sup> que são grandes referências, como é o caso da pesquisadora Patrícia Marinho de Carvalho, que tem como foco de

---

<sup>1</sup> A equipe do Projeto universal CNPq N°18/2021, aprovado em 03/12/2021, ainda conta com a participação dos pesquisadores: Gabriela Prestes Carneiro, Myrian Barboza, Daniela Ferreira, Eduardo Neves, Luís Laurindo – *Memórias de vidas que brotam da terra: Permanências e resistências nos quilombos do Paranã do Maicá sob o olhar da arqueologia e da história*. (2021) “.

sua pesquisa a diáspora africana. Nesse projeto vamos poder contar as vivências não só de Murumurutuba, mais de outros quilombos, a partir das histórias orais, da paisagem, e das plantas. Tivemos a oportunidade de realizar mais campos em Murumurutuba, e com isso poder fechar algumas atividades que ainda estavam em aberto, como por exemplo o mapeamento de locais e caminhos sagrados na paisagem.

Esta pesquisa é realizada por uma discente quilombola, com isso o local escolhido é o meu lugar, o quilombo de Murumurutuba. Pretendo trazer uma reflexão e discussão sobre a possibilidade de realizar arqueologia em quilombos, e como o território como um todo pode nos trazer muitas informações e contribuições para o presente. Logo, o estudo vai abranger sobre a diáspora africana, com foco na arqueologia feita em quilombos, mesmo sendo um tema pouco pesquisado, é de grande importância no contexto atual que vivemos. O tempo em que os africanos foram trazidos a força e roubados do continente africano, deu início ao que conhecemos como a diáspora africana. Com isso houve longos anos e séculos de escravização, assim como também as formas de resistências, que foram expressas através das fugas. De acordo com o historiador Eurípedes Funes o período das fugas na região acontecia na época das festas de colheitas e nos tempos de cheias, "O processo de fuga, individual ou coletivo, geralmente ocorria em épocas de festas e mais especificamente, no caso da Amazônia, no período de cheias: dezembro a maio" (FUNES, 1995 p.7). Como resultado, as pessoas auto libertas ocupavam seus espaços, onde se estabeleciam em lugares estratégicos e formavam seus mocambos. Locais estratégicos esses que sempre eram acima das áreas de serra e mata alta, onde tinham acesso e controle visual ao movimento que ocorria na área perto do rio. Para o pesquisador Cândido Cunha, que fez sua monografia na área do Direito, intitulada "O cativo da terra na libertação dos escravos: uma análise da legislação escravista na formação do Brasil (1500-1891)":

Das fugas de escravos, individuais, em grupos ou em massa, espontâneas ou estimuladas, improvisadas ou organizadas, surgiam os quilombos, forma de luta e organização social de negros formadas em contradição e oposição

à sociedade colonial, à medida que se constituíam espaços livre do controle das autoridades e dos senhores da Colônia. (CUNHA, 2020 p. 46).

Esta resistência deu origem à formação de vários quilombos e à luta pela garantia do território. Com isso, temos como parte fundamental do TCC abordar sobre a arqueologia realizada em comunidades quilombolas, com foco nas antigas ocupações e como houve a formação dos quilombos a partir disso. Isso inclui o trabalho de identificação, delimitação e contextualização de uma ocupação quilombola sobre um sítio de Terra Preta, conhecido localmente como Terra Preta do Moura.

Como objetivos específicos temos:

1. Identificar o local que a comunidade de Murumurutuba identifica como relacionado às ocupações quilombolas antigas.
2. Identificar quais vestígios (por matéria prima, densidade, etc.) estão visíveis em superfície e subsuperfície que podem auxiliar no estabelecimento de uma cronologia relativa desses locais de ocupação, que chamaremos de sítio arqueológico, apesar de ainda serem utilizados para plantio.
3. Através do registro da história oral conhecer a cronologia recente de ocupação e uso do sítio.
4. Mapeamento dos locais de memória (vários pontos)
5. Estudar o sítio de Terra Preta do Moura<sup>2</sup>, identificado como sendo um dos primeiros locais ocupados pelos quilombolas.

Esta pesquisa se justifica por vários motivos, sendo um deles é que a pesquisa é realizada por mim, enquanto moradora do quilombo. Tendo o compromisso de relatar a verdadeira história dos meus antepassados, uma história diferente do que o colonizador branco contou, e sim através da nossa perspectiva. Agora nós somos os protagonistas e relatores das nossas histórias e lutas. Por muito tempo tentaram nos

---

<sup>2</sup> Sítio Moura faz referência ao nome do atual proprietário, Eduardo Moura. Terra Preta do Moura é o nome que foi dado ao sítio arqueológico, que tem TP, cerâmica, lítico, ocupações recentes com vestígios de vidro, plástico, madeira, e plantas específicas.

silenciar, contudo hoje nós temos nossos direitos, que por muitas vezes foram negados. No entanto continuamos firmes e constantes no objetivo de a cada dia ocupar mais espaços na sociedade. Outro ponto importante é que, através dos levantamentos orais presentes na memória dos mais antigos, informações paisagísticas, e os registros materiais que estão inseridos no contexto arqueológico, juntos, evidenciam sobre a história da comunidade, como sendo remanescente de quilombo. Por fim, espero que este estudo possa contribuir e servir como ferramenta aliada no processo de titulação do território quilombola. E que possa servir como incentivo para outros intelectuais quilombolas quanto a fazer pesquisa em seus territórios trazendo resultados positivos para nosso movimento. E Contribuindo e somando com o meio científico, especificamente na área da arqueologia, focando nos estudos sobre comunidades quilombolas. A estrutura deste trabalho é a seguinte:

**Capítulo 1** - Arqueologia em quilombos e histórias de Murumurutuba, é a contextualização teórica do trabalho, onde é apresentado o que é a arqueologia quilombola numa perspectiva mais pessoal, através dos meus olhos como quilombola.

**Capítulo 2** - Capítulo de metodologia, aqui eu explico como foi realizado o trabalho, e as etapas que se sucederam.

**Capítulo 3** - Descrição das atividades realizadas e os principais resultados

**Capítulo 4** - Considerações Finais

## **CAPÍTULO 1 - ARQUEOLOGIA EM QUILOMBOS E HISTÓRIAS DE MURUMURUTUBA.**

As palavras mocambo e quilombo são de origem Kimbundo e têm nessa língua significado diferentes: Mocambo quer dizer cumeeira ou "pau de fileira", e quilombo designa lugar onde se acampa, refúgio. (FUNES, 1995 p.22)

O quilombo é um território negro constituído na diáspora africana para a existência coletiva e como resistência às opressões sofridas com o colonialismo e escravidão. O quilombo existe e resiste até hoje (MORAES; COSTA; LOPES, 2022, p.63).

Pelas descrições citadas acima vemos o quilombo como sendo um espaço de coletivo, refúgio e resistência, contra os padrões impostos pela sociedade racista. Quando os africanos foram feitos reféns, escravizados e trazidos a força do seu local de origem, para um espaço desconhecido, deu início a diáspora africana. A diáspora africana não se limita somente a esses acontecimentos de desastres. A diáspora é um retorno à nossa ancestralidade, aos nossos antepassados. Nossas histórias, nossas vivências, os lugares de nossas origens, comidas, festas são evidências que nos ligam à e pela diáspora. Logo, houve todo um processo de resistência e como consequência fugas para se estabelecerem em locais seguros. De acordo com Funes:

O processo de fuga, individual ou coletivo, geralmente ocorria em épocas de festas e mais especificamente, no caso da Amazônia, no período de cheias: dezembro a maio. Nessa região, as festas, em especial as do ciclo natalino e junino, coincidem com o tempo de inverno e da castanha (FUNES, 1995, p.7).

Ao fugirem dos senhores que então os escravizavam, se estabeleceram em locais estratégicos e formaram os mocambos.

O termo mocambo foi utilizado no século XIX por governadores e corpos de policiamento para identificar o agrupamento de fugitivos, notadamente

formado por escravos. A denominação mocambo foi impregnada de qualificações negativas, identificando-o como lugar de reunião de mocambeiros ou mocambistas, tidos como criminosos, desertores e preguiçosos pela sociedade escravista. (ACEVEDO; CASTRO, 1998, p.28).

Esta ideia racista e preconceituosa formada pela elite branca, só reforça como a sociedade da época via a população negra que lutava por liberdade. Com isso eles distorciam de fato o que o mocambo representava para os africanos escravizados. Sendo que mocambo era um local de acolhimento, de renovação, resistência, lugar de resistência, era viver e lutar por um ideal de ter direito à liberdade.

O fato é que os senhores que escravizavam os africanos, não aceitavam as fugas e as baixas que vinham sofrendo em suas fazendas e terras. Logo criaram uma imagem preconceituosa dos negros e usavam os meios de comunicação da época, como os jornais, com intuito de propagar essa mentira, de quão perigosos eles seriam. E como as Acevedo e Castro (1998) falam o termo “mocambo” para a elite branca, tinha essa ideia de algo negativo, pois estabelecer os mocambos, era um ato de resistência, ou seja, livre da opressão dos senhores os “donos”. Com isso se inicia um longo processo de construção de identidade, a identidade mocambeira. Construindo e criando um local seguro para todos, o viver em comunidades e o trabalhar em coletivos.

Sendo assim, como fala Funes, ao realizar a entrevista no quilombo de Pacoval, dona Gina disse o seguinte: “Os troncos velhos se acabaram, ficou essas raizinhas, sementezinhas” (FUNES, 1995, p.1), os troncos velhos se foram, só ficaram as sementes em referência aos que iniciaram as lutas. Logo, acompanhando essa passagem de tempo, os “troncos” são os mocambeiros, as “sementes” são os quilombolas. Vemos como apesar da passagem de vida de nossos antepassados, a nossa luta no presente continua sendo a mesma. “O quilombo enquanto categoria histórica detém um significado de resistência e de autoafirmação do grupo diante da ordem escravista que é relevante para o presente estudo” (ACEVEDO; CASTRO, 1998, p. 28). Quilombo é o lugar onde firmamos nossa identidade, vivemos em coletivo, e reivindicamos nossos direitos às políticas públicas de qualidade. E como cita Funes “se, num primeiro momento, o enfrentamento visava construir a liberdade,

rompendo com a escravidão, hoje a luta se coloca no sentido de libertar a terra para continuarem a ser livres e assegurarem o direito à cidadania” (FUNES, 1995 p.2).

O quilombo enquanto categoria histórica detém um significado relevante, localizado no tempo, e na atualidade é objeto de uma reinterpretação jurídica quando empregado para legitimar reivindicações pelo território dos ancestrais por parte dos denominados remanescentes de quilombos (ACEVEDO; CASTRO, 1998 p,10).

Quilombo é a continuação das lutas dos mocambeiros. Nos mocambos, o que os negros queriam primeiramente era ter direito à liberdade. Saindo do poder dos senhores através das fugas e se estabelecer em locais seguros, e com isso ter direito a plantar e andar de forma livre.

Se o escravo conquistasse, no seu cotidiano, garantias de autonomia de ação e movimento, tendo a possibilidade, mesmo mínima, de gerenciar sua vida, ele com certeza pensaria duas vezes antes de fugir. O escravo tinha a noção do momento socioeconômico vivido e jogava com ele no sentido de conseguir conquistas, mesmo que fosse visto, pelos senhores e autoridades, como atos de insubordinação, desobediência e ociosidade “típica de cativos” (FUNES, 1995, p.7.)

O negro sabia que sua mão de obra escravizada possibilitava para os senhores grande poder aquisitivo e respeito na sociedade. No entanto, seus “patrões” não davam nada em troca, já que era um trabalho escravo que eram forçados a fazer. Com isso fugiam e negociavam com os comerciantes conhecidos como regatões.

Por muito tempo os regatões, esses “mascates fluviais”, eram os únicos que se atreviam a subir os rios e adentrar os espaços dos quilombos” [...] e mais “São esses fatos que levam a perceber uma legitimidade conseguida pelos mocambos do Baixo Amazonas, que, mesmo tendo afetado o sistema escravista, não comprometeram a economia local. (FUNES, 1995, p.9).

É notável pelos relatos como os mocambeiros eram essenciais para movimentar a economia, plantavam, coletavam frutos, fazendo uma relação entre mocambos, cidade e comércio local.

A sobrevivência e a reprodução dos mocambos na Amazônia não dependeram apenas de sua interação com o meio ambiente, e de sua organização interna, mas também de uma rede de relações e solidariedade tecida pelos mocambeiros, que garantia sua inserção no mercado local e a interação com a sociedade escravista (FUNES, 1995, p.10).

A cada troca e venda era uma interação participativa, os mocambos já estavam inseridos no comércio local. Essas relações de vendas estão presentes ainda nos quilombos, em Murumurutuba e nos quilombos vizinhos ocorre principalmente na época da safra do açaí, onde comerciantes da cidade compram das comunidades para seus comércios em Santarém. É um período em que a economia do quilombo fica movimentada e em alta.

Nos quilombos o principal requisito é ter direito ao território, e com isso ter acesso livre e permanente para percorrer em seus locais sagrados. É ter acesso à saúde, moradia, educação entre outros. Para Funes (1995) “os quilombos foram um fenômeno contra aculturativo, de rebeldia contra os padrões de vida impostos pela sociedade oficial e de restauração de valores antigos” (FUNES, 1995, p.13), e mais “hoje o termo quilombo foi apropriado e redimensionado por essas comunidades enquanto elemento de identidade e de luta pela terra dos remanescentes.” (FUNES, 1995 p.22). Quilombo traz consigo um simbolismo e significado muito forte, ligado a identidade. É sobre ouvir as histórias presentes na memória e com isso se identificar e se autoafirmar como um sujeito pertencente a um lugar.

Sobre o termo quilombo, “a reatualização do termo ocorre, a partir da década de 80, como resultado da mobilização de grupos rurais, do movimento negro e de entidades de apoio às lutas pelo reconhecimento jurídico das terras de antiga ocupação” (ACEVEDO; CASTRO, 1998, p. 9). Um novo conceito de quilombo estava sendo proposto pelas pessoas que de fato sabiam como era viver em quilombos, pois

uma interpretação errada estava posta na mente de muitos desde o século XIX pelo estado e pela política da época. Infelizmente esse conceito errôneo sobre os mocambeiros e quilombolas, ainda está enraizado na mente de muitos, e não é fácil mudar. E requer com isso uma desestruturação desse ideal negativo. Cabe a nós hoje, quilombolas, pesquisadoras e pesquisadores, mostrar através de pesquisas como essa, que a ideia de quilombo é muito maior do que o que foi posto de forma negativa. Logo queremos o reconhecimento das terras ocupadas pelos nossos antepassados, sendo um direito do povo quilombola. Haja vista que por anos tantos negros e negras foram escravizados, mortos, maltratados, tendo seus corpos violentados de diversas formas, e não falo aqui como um sujeito que tenta vitimizar, mas como uma pessoa que quer direitos iguais. A nossa luta é pela nossa vida e daqueles que vão nos suceder.

Com o passar dos anos, depois de estabelecidos em seus mocambos e depois da liberdade, a reivindicação era ter direito à terra, ao seu território. Direito esse que entra como uma política de reparação por anos de escravidão:

**Decreto N°.4.887**, de 20 de novembro de 2003, da Presidência da República, que regulamenta a aplicação do artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Decreto que nasce a partir da pressão do movimento negro e da necessidade de agilizar o processo de titulação das terras quilombolas, algo que não deveria estar nas disposições transitórias, mas sim como uma prática constitucional de um Estado supostamente preocupado com o direito e a cidadania daqueles que, por uma série de razões, sempre foram vistos como um problema para os governantes e as elites latifundiária.” (FUNES, 1995, p.39).

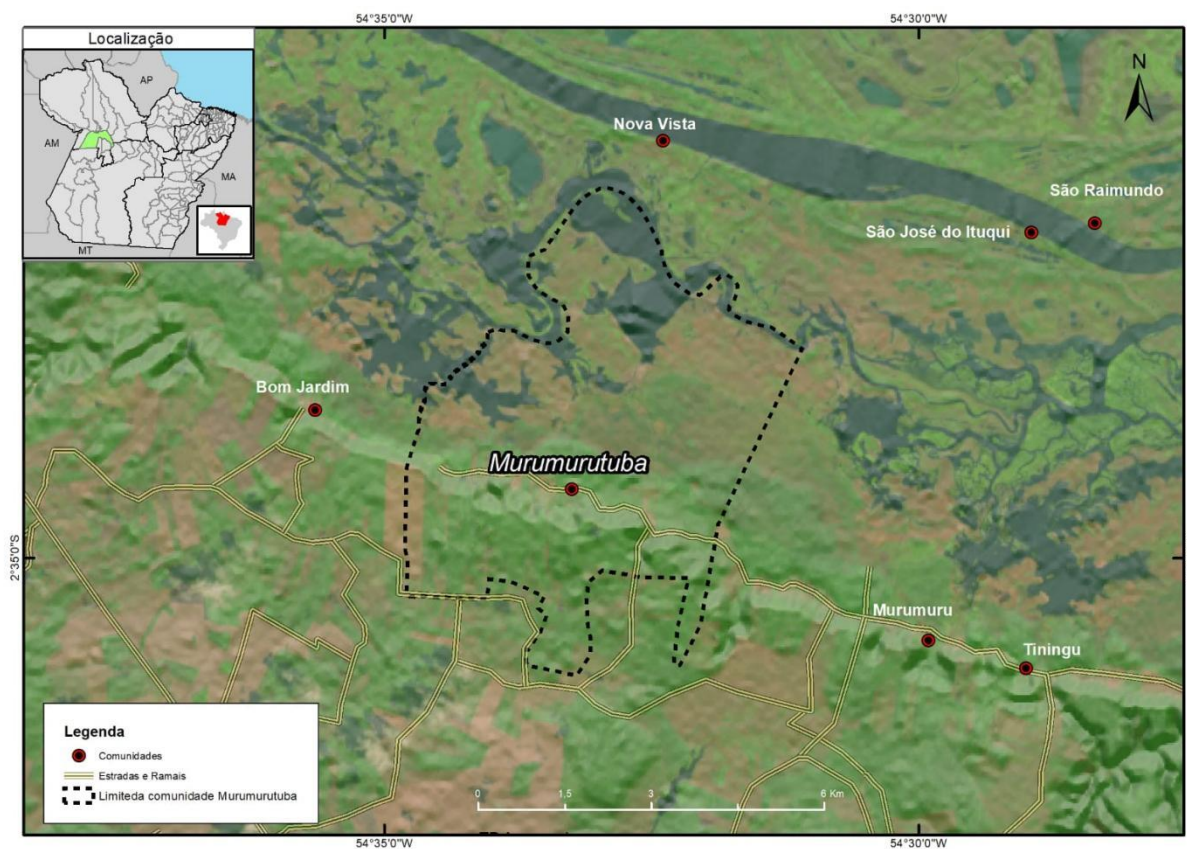
Seu principal objetivo é estabelecer os procedimentos e os processos a serem seguidos para efetivar a regulamentação fundiária das áreas de quilombos [...] O novo decreto devolveu ao ministério do Desenvolvimento Agrário e ao Incra a competência para identificar, reconhecer, delimitar, demarcar e titular essas terras, antes sob responsabilidade da Fundação Cultural Palmares. (GUARALDO, 2012, p. 145).

Com isso, sabemos que ter direito ao território exige longos processos estabelecidos, que passam por várias etapas até chegar a fase final de titulação. O

quilombo de Murumurutuba ainda não tem o título de posse, no entanto é de urgência que a titulação do território possa ser adquirida. Pois, as ameaças a cada dia nos cercam. A importância do território para nós, enquanto quilombolas, está ligada à nossa ancestralidade, é sobre o uso e manejo das nossas terras, lagos igarapés, é de onde saem o sustento das famílias. O território é um local sagrado, nossas histórias de lutas e vivências também estão inseridas em todo o contexto territorial. Por isso este trabalho evidencia que os moradores de Murumurutuba já estão ocupando o território há muito tempo, tendo com isso direito sobre a terra onde estão inseridos.

Nos dias de hoje observamos os avanços que vêm em nome do “progresso”, gerando benefício somente para o setor empresarial. Como consequência, vemos as grandes mineradoras que a cada dia invadem nossos territórios, trazendo prejuízo aos quilombos. Em Santarém, acompanhamos como a exportação e o plantio da soja cresce cada vez mais. Quando o pesquisador Eurípedes Funes realizou seus estudos nos quilombos de Santarém, percebeu como a produção da soja cada vez mais crescia na cidade. Para Funes (1995) “a monocultura da soja avança a passos largos sobre a região. Santarém, às margens do Rio Tapajós, é o centro da produção” (FUNES, 1995, p.36), é visível o avanço da soja nas comunidades próximas ao quilombo de Murumurutuba e à aldeia São Francisco da Cavada, e infelizmente o plantio da soja já está em nossas terras. De acordo com os estudos e mapeamento feito pela equipe do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) em 2022 é visível o aparecimento da soja em nosso território, conforme o mapa da figura 1. Com isso é de urgência que a comunidade possa adquirir o título de posse definitivo do quilombo, a produção da soja ocorre em larga escala sendo uma ameaça que cresce cada dia nos nossos espaços e as comunidades vizinhas.

**Figura 1** - Dados disponibilizado pela equipe do INCRA.



Fonte: Ney Rafael Gomes Monteiro (2023)

Outro exemplo, temos os quilombos do alto rio Trombetas, onde grandes mineradoras vêm se estabelecendo na região. O quilombo de Boa Vista, de acordo com as pesquisas levantadas por Rosa Acevedo e Edna Castro em 1998:

Frisamos uma situação acelerada de desestruturação da comunidade de Boa Vista, localizada a poucos quilômetros da cidade de Porto Trombetas. Sendo a mais povoada do conjunto das localidades do rio Trombetas, havia experimentado mais profundamente as mudanças provocadas pela presença a empresa de Mineração Rio do Norte, desde a década de 70, e pela presença da reserva biológica do Trombetas, à margem esquerda do rio, desde 1979 (ACEVEDO; CASTRO, 1998, p.11).

Não sou contra o progresso, todos queremos melhorias, desde que não afete os menos favorecidos e os locais onde vivem. Quantos hoje vêm sofrendo ameaças

ou mesmo muitos morrem por estarem a frente das lutas dos movimentos, seja indígena, quilombola, negro, ribeirinho ou tantos outros colegas de vários movimentos sociais. Esta é uma realidade não só dos quilombos do Pará, mais de tantos outros quilombos do Brasil.

Continuando na mesma linha de pensamento, vou compartilhar as histórias do quilombo de Murumurutuba, local escolhido para realizar a pesquisa.

A comunidade de Remanescentes de Quilombo Murumurutuba localiza-se na área do planalto, região do Jacamim, no distrito do Eixo Forte. Está situada na margem direita do Rio Amazonas, no lago Maicá, a 43 km da cidade de Santarém. Para chegar a Murumurutuba, deve seguir pela rodovia PA-370-Santarém/Curuá-Una, que possui 66 km de extensão. Segue nessa rodovia até o KM 26, na comunidade Poço das Antas. Depois de entrar por esse ramal, percorre-se cerca de 10 km de estrada de chão até chega à comunidade de Murumurutuba. (O'DWYER; SOARES, 2011, p.22).

A comunidade é perto da zona urbana da cidade, dura em média uma hora de ônibus, de carro em torno de 40min. Em 2010, as pesquisadoras Eliane Cantarino O'Dwyer e Mariana Pettersen Soares, realizaram em Murumurutuba uma pesquisa antropológica, como parte das etapas para legitimar o território como remanescente de quilombos. A pedido das lideranças quilombolas como a Federação das Organizações Quilombolas de Santarém- FOQS e as associações locais, surgiu a necessidade e urgência de elaborar o Relatório Técnico de Identificação e delimitação (RTID), reconhecendo Murumurutuba, como comunidade remanescente de quilombos. Há várias etapas para o processo de titulação de um território: como autorreconhecimento, certificação e a titulação. Dentre elas é necessário a construção do laudo antropológico. que prove a legitimidade do grupo como sendo remanescentes de quilombos. “O relatório antropológico é a peça inicial do processo administrativo de regularização dos territórios remanescentes de quilombos.” (O'DWYER; SOARES, 2011, p.5). Neste relatório as vivências sociais, culturais, religiosas e econômicas do quilombo, são contadas através de entrevistas com os moradores mais antigos, e também contadas através dos locais antigos da comunidade.

A Lei nº 12.288/10, no artigo 18, representou um grande passo para os povos quilombolas ao assegurar a esta comunidade o direito a preservação dos seus usos, costumes, tradições e manifestos religiosos, através da supervisão do Estado [...] No entanto, os remanescentes dos povos quilombolas, embora recebam um suporte maior do Estado, ainda hoje encontram algumas dificuldades no que diz respeito à seguridade dos seus territórios. Devido a isso, com muita frequência, as terras pertencentes ao grupo supracitado ainda são alvo de muitas invasões por parte de terceiros que possuem algum tipo de interesse fundiário nessas propriedades pertencentes aos povos quilombolas. (ARAUJO, 2022, p,7).

Mesmo estando, legalmente, amparados pelo estado nada impede que terceiros estejam em nossos territórios, degradando o meio ambiente. Um exemplo em Murumurutuba é quanto aos “arrastões”<sup>3</sup> que ocorrem na época da seca dos rios. Pessoas vindas de vários lugares entram escondidas e se apropriam de forma ilegal dos peixes que estão em procriação no rio. Outros invadem nossas matas e praticam a caça por esporte, destruindo a vida animal da mata.

Em 2022, a equipe do INCRA realizou um estudo para definir os limites territoriais entre Murumurutuba e a aldeia São Francisco da Cavada. Há um bom tempo havia um grande impasse entre os dois territórios sobre a quem pertenceriam certos limites de terra. Contudo, no ano de 2022 houve um acordo entre as lideranças de ambas as comunidades, estabelecendo os limites territoriais, e com isso facilitando o processo de titularização. Apesar de alguns moradores não concordarem, era necessário finalizar esse impasse, para com isso facilitar a demarcação da Cavada e a titulação de Murumurutuba.

O movimento quilombola em Murumurutuba, surgiu no ano de 1999. Em 2005 o quilombo foi certificado pela Fundação Cultural Palmares. De acordo com a entrevista cedida à Rafaela Pinto e Patrícia Carvalho, por Dona Raimunda, liderança do movimento de mulheres e integrante da diretoria da Associação Quilombola de

---

<sup>3</sup> Ocorre no período do defeso, quando os peixes estão se reproduzindo. Certas pessoas fazem esse ato ilegal com a intenção de fins lucrativos, na época de seca. O crime é cometido geralmente à noite.

Murumurutuba-AQMUS, no quadro do projeto de pesquisa que estamos desenvolvendo.

**Rafaela:** *Gostaria que a senhora falasse do movimento quilombola. A senhora é uma das pioneiras do movimento quilombola, aqui do Murumurutuba. Sendo mulher, e está aí na frente, pra hoje estar estruturado esse movimento aí.*

**Raimunda:** *É, o nosso movimento, começou. Primeiramente nós da comunidade, nos reunimos pra formar, uma associação de moradores, bora formar uma associação de moradores. As outras comunidades estão achando melhor trabalhar com associação, do que o presidente da comunidade, não era uma associação, era o presidente da comunidade que tinha. Aí tá, começamo a reunir, pra amadurecer as ideias. Aí nos reunimos umas quatro vezes, e aí foi que o seu Elias apareceu, aí dizendo que ele tinha participado de uma assembleia em Brasília, e tinha descoberto que, essas comunidades aqui, tudo era quilombola. E aí que, ele achava, que era melhor que fosse alguém daqui participar de uma assembleia que ia ter pra lá, era bom que eles fossem.*

**Patrícia:** *Você lembra que que ano foi isso?*

**Raimunda:** *Isso foi em 99. Aí foi daqui o compadre Antônio, lá do Bom Jardim foi o Dileudo, do Muru foi o compadre Jone, e Tiningú foi o Bena. Eles foram pra lá né, participaram e vieram confirmando, que realmente tava lá mesmo, dizendo que as nossas comunidades, tudo era quilombolas? (informação verbal <sup>4</sup>)*

Ao transcrever essa entrevista me senti fortalecida ouvindo os relatos de Dona Raimunda. Uma das primeiras a estar na linha de frente para fundar a associação do quilombo. Sua história de vida é inspiração para nós, jovens e mulheres da comunidade.

Logo, viver em quilombo é viver em coletivo. Coletivo nos trabalhos comunitários, nas pescas, no extrativismo, nas festas de santo ou nos festivais. São esses momentos que proporcionam, troca de saberes dos mais velhos, para os mais jovens. “Buscar entre os velhos a memória, elemento capaz de ancorar o presente ao

---

<sup>4</sup> Trecho extraído de entrevista com Dona Raimunda, realizada no dia 14 de outubro de 2022.

passado” (FUNES, 1995, p,15). É o momento em que paramos e ouvimos as lendas, as histórias dos nossos antepassados. É onde aprendemos os artesanatos, as cantigas antigas, as comidas tradicionais, entre outros aprendizados. Tanto que nossas lideranças são nossos maiores incentivadores, eles e os moradores mais antigos que nos motivam a pesquisar nossa história, e com isso registrar o que está na memória. “A repetição de fatos, nomes, lugares e atitudes, são marcadores significativos, e ao mesmo tempo reveladores, que permitem traçar a trajetória histórica do grupo” (FUNES, 1995, p.15). A memória é algo limitado, no entanto essa transmissão pela oralidade, permite que os fatos que ocorreram no passado sejam acessados por nós no presente, pois essas informações nos são repassadas por gerações. E assim, no futuro nós seremos os transmissores dessas memórias, seja pela oralidade, seja pela nossa escrita.

Com isso vemos que é possível realizar uma arqueologia além das portas da universidade. Nossas pesquisas são evidências das parcerias e colaborações que vem ocorrendo entre nossos comunitários, professores e alunos. As arqueólogas Irislane Moraes, Luciana Costa e Luciana Lopes ao realizarem um estudo com os quilombolas dos povos do Aroá da Amazônia paraense dissertam o seguinte:

Nesse trabalho arqueológico, mais que tomar um objeto isolado de pessoas e paisagens de sentido, nos importa compreender como as coisas são é/ ou se materializaram conhecimentos numerar rede de relações entre pessoas, lugares, tempos, memórias e afetos” (MORAES *et al.*, 2022, p.61).

Concordo com as autoras na questão que, para se compreender um contexto, principalmente quando é quilombo, não tem como estudá-lo simplesmente através de um único objeto. Pelo contrário, nossos principais interlocutores são os quilombolas, nossos antigos que detêm grandes conhecimentos e informações em suas memórias. Seguindo essas informações é que chegamos aos sítios arqueológicos, conhecendo as plantas e suas utilidades, conhecendo o ambiente que estamos estudando.

Portanto fazer uma arqueologia da diáspora africana para além de escavar a terra e expor feridas sem os cuidados e reparações inerentes, requer de nós o engajamento antirracista e sensível para a cura dessas feridas e fragmentações (HARTEMANN; KILOMBA, 2019 *apud* MORAES *et al.*, 2022, pg.71).

Realizar pesquisa arqueológica em comunidades quilombolas, vai além dos registros materiais, e imateriais. Existe um compartilhar de saberes na qual os protagonistas são os próprios quilombolas. Requer de nós como moradores e pesquisadores não somente participar dos movimentos, mas estar engajado nas lutas do nosso povo.

É se desconstruir do “eu” e aprender com os cientistas locais, que muitos têm a nos ensinar. Sendo que por muito tempo somente pessoas brancas pesquisavam na área da arqueologia: “A arqueologia como a consideramos, uma ciência ocidental moderna, precisa se descolonizar. Parte-se do pressuposto de que ela surge colonial e conserva colonialidades, seja na teoria como na prática.” (HARTEMANN; MORAES, 2018, p.11). Logo, sendo uma arqueologia muitas vezes elitista, fazer pesquisas arqueológicas em territórios quilombolas, é uma das maneiras de desconstruir esse pensamento, onde somente o objeto em si poderia informar sobre um contexto. Logo, “Estamos dizendo, principalmente, que queremos e reivindicamos que a história sobre a escravidão no Brasil seja contada por nossas perspectivas também e não somente pela perspectiva de quem venceu” (RIBEIRO, 2017, p.47). O papel das nossas pesquisas nos quilombos é contar a história não contada, é ter nosso lugar de fala e de escrita e nos posicionar quanto aos fatos que não estão registrados, através das vivências das pessoas associado ao meio onde vivem. Quando falo em meio me refiro às árvores como sendo sagradas, aos caminhos antigos, às antigas habitações. É fazer uma arqueologia de todos e para todos. Com um olhar no passado e foco na sociedade presente. São evidências que na maioria das vezes estão presentes na memória daqueles que viveram e que ouviram sobre seus antepassados. Observando a paisagem e como ela nos conta sobre o modo de vida das antigas e atuais

populações quilombolas. É ouvir as histórias sobre os seres encantados<sup>5</sup>. Sendo assim nossa história não se resume apenas à escravidão e aos açoites, temos muito a compartilhar com informações sobre o território quilombola.

Os arqueólogos que começaram, no final da década de 1960, a examinar as características da escravidão e da vida, escrava abordaram o objeto como um exercício de identificação cultural [...] tendo a clareza da falta de conhecimento arqueológico preciso sobre a cultura material da escravidão no novo mundo, arqueólogos não conseguira refutar a crença bastante comum de que os escravos não tinham uma cultura material ativa e expressiva. Examinando a vida escrava do novo mundo, os arqueólogos demoliram completamente esse mito” (OSER JR; FUNARI, 2004, p,12).

A ideia de muitos pesquisadores era pensar que um único objeto seria suficiente para ter informações e entender sobre o continente africano e o fator cultural, essa hipótese logo foi descartada. Ademais, como sabemos, quando os africanos foram raptados e escravizados, vieram pessoas de vários lugares da África, com culturas e tradições diferentes. A África é repleta de várias tradições e culturas, logo é necessário olhar vários aspectos para entender essa imensidão de informações.

E quando estamos em contextos de quilombos, para realizar pesquisas é preciso saber articular com as nossas lideranças e moradores. É obvio que ao chegarmos em campo existem várias maneiras de entender o contexto geral. No entanto, para que isso seja possível, é necessário a participação ativa dos mais antigos, pois são eles que têm guardado na memória informações que não estão no papel. Hoje sabemos que a questão cultural não se resume apenas em um fator, mas em vários fatores que são visíveis e invisíveis. Falo do invisível, pois em Murumurutuba existe uma forte ligação com os seres protetores conhecidos como encantados. Com isso, pelos relatos sabemos como os encantados estão ligados a vida material e imaterial dos quilombolas.

---

<sup>5</sup> Nome dado aos seres protetores de rios e matas.

Em Murumurutuba entrevistei uma moradora, a dona Ruth, filha de um antigo curador chamado José Maria, conhecido como Zé Pinto. Dona Ruth é minha mãe e grande parceira e contribuinte tanto das minhas pesquisas como das de Rafaela. Ela falou da história de seu pai com os seres encantados. Segundo ela conta:

***Ruth:** E aí eu servia ele, fazendo limonada, quando ele tava nos trabalhos dele, a minha mãe dava esses negócios de cachaça pra toma, que na verdade tomava muito e ele não ficava porre, e isso eu via muito né. Via também que quando ele tava mesmo, que chegava um, um encantado lá com ele, ele derrubava até parede da casa com tanta força que tinha. Encostava assim a costa, que a parede era de barro e arriava no chão, no outro dia meu pai ia trabalhar pra consertar. E aí lá eu via aquele negócio assim todo tempo né, aí ele ouvia vozes, e ele dizia: tu tá ouvindo isso? eu disse não, eu só tô vendo uns vulto branco na beira, ele disse: pois é, eles vieram aí e num demora eu vou fazer os trabalhos. ( informação verbal <sup>6</sup>).*

A relação do pai da mamãe com os encantados era muito forte, segundo ela. ela chegava a incorporar vários espíritos e se comunicava através destes, isso faz parte do mundo cosmológico quilombola. Na comunidade existem os igarapés que são sagrados tendo seres encantados que são os protetores “*É aqui nesse porto aqui a gente usava, mulher menstruada não podia baixar aí, porque quando baixava aí, aí de noite a sapa vinha [...] chamada Boiúna, mulher menstruada não podia não podia descer aí que pulava.*”(informação verbal). Caminhar pelo território é caminhar por um local sagrado, é acessar lugares, mas ter respeito com o mundo material e imaterial o invisível. Dona Ruth fala do encantado chamada *Boiúna* que se materializava em forma de uma sapa, os fatos que ela cita aconteciam antes com muita frequência na comunidade. Quando ela fala que eles “*pulavam*”, faz referência ao espírito do encantado que entrava na pessoa como forma de castigo, elas incorporavam e o resultado era muita dor de cabeça e dor no corpo. Isso servia como um alerta para que houvesse respeito com a natureza e os locais sagrados.

---

<sup>6</sup> Entrevista realizada com Dona Ruth, 2022 no dia 08 de outubro de 2022

“A organização quilombola inquestionavelmente providencia a melhor oportunidade para arqueólogos fazerem importantes progressos especialmente na arqueologia da resistência escrava e no entendimento da resistência no geral” (OSER JR; FUNARI, 2004, p.15). O que a organização quilombola hoje almeja, é que haja um retorno positivo através dos estudos que estão sendo realizados nos quilombos. No entanto não significa que qualquer pessoa possa chegar e dizer que quer estudar um quilombo. Há todo um processo de solicitações e reuniões quanto a isso, seguindo o protocolo de consulta feito por nossas lideranças. A primeira quilombola a desenvolver pesquisas na área da arqueologia em Murumurutuba foi a Rafaela Pinto, porém mesmo sendo moradora e sócia, isso não significava que ela simplesmente poderia escolher o local e começar a pesquisa. Algumas vezes ela não foi bem ouvida, pois nossas lideranças estavam com certos receios de antigos pesquisadores, que levaram informações, mas nunca trouxeram resultados. Temos que entender que existe uma construção de confiança nisso. Quando chegou minha vez de apresentar meu projeto, o receio que havia no começo não tinha mais, pois já havia sido construída uma ponte ali.

Por isso que este trabalho é uma forma de retorno e é tão importante para mim enquanto moradora do quilombo. É um trabalho de resgatar as histórias que até certo tempo estavam somente na memória de nossos antigos. “A consciência crítica do nosso lugar de fala enquanto arqueólogues nos mobiliza a reflexões fundamentais de um fazer arqueológico afrorreferenciado. (MORAES; COSTA, 2021 *apud* MORAES *et al.*, 2022, p.59). Ou seja, não tenho como separar minha escrita e minha referência. Logo, tendo uma identidade de mulher negra, quilombola e estudante, não tenho como desassociar a escrita e o meu corpo. É bom ter essas redes de afetos e trocas de compartilhamentos, pois a partir disso firmamos cada dia mais a nossa identidade enquanto pessoas que vivem em território quilombola, correlacionando com proposta da arqueóloga Patrícia Marinho de Carvalho, sobre fazer uma arqueologia afrorreferenciada. Segundo ela centrada no afro-brasileiro, o seja uma arqueologia que aborda o nosso cotidiano (informação verbal <sup>7</sup>). Quando Patrícia fala desse afro

---

<sup>7</sup> Discurso feito no minicurso “Arqueologia e a Diáspora Africana”, no dia 10 de outubro de 2022

referenciamento, eu me vejo nas suas falas e em algumas de suas experiências como arqueóloga negra, pois como ela falou para mim e Rafaela, a arqueologia que hoje estamos fazendo é afrorreferenciada, estamos contando nossas histórias a partir de nossas vivências e realidade. Em Murumurutuba, um dos principais interlocutores da minha pesquisa, é o meu pai, Antonio Pinto, conhecido como *seu Beija*. Ele nos direcionou nas principais etapas da pesquisa, sobre os lugares de terra preta, das árvores, caminhos antigos e das histórias dos antigos. Ele tem na memória o trajeto que faziam para ir nas festa de Santo de dona Paula, uma das primeiras ocupantes da área de terra preta do sítio Moura.

**Antonio Pinto:** *O São João era da dona Paula, desse daí eu lembro, eu era muleque ainda, nesse tempo a gente subia por ali, entendeu. Acessava por caminhos antigos. Dessa da Dona Paula eu me lembro, que eu muleque ainda acompanhei umas procissão pra lá né. Mas só tinha aquilo ali mesmo né, aquela procissão, chegava lá eles ofertavam sempre um lanche né, pra gente né, de preferência naquele tempo não existia as coisas que existe hoje. Sempre era um tarubá né, que era feito da própria mandioca né. E aí cantava, faziam umas ladainha por lá, mas fora disso também eles faziam uma procissão aqui, eu me lembro né. Que chamava aquela procissão, chamavam de, como é meu Deus? Eu esqueci né. Que se encontrava assim, uns santo com os outros né, nesse tempo quando eles moravam aqui em baixo do terreno que é do Moura [...] É exatamente dos foliões que eles falavam, que se encontravam, um lugar com outro né. Assim, eu achava bonito porque, muitas coisas daquele tempo hoje não existe mais. E hoje se falar em folia dá a impressão assim, que é uma coisa que não presta. Mas naquele tempo eles davam o nome pra esses encontros que eles tinham né? (informação verbal<sup>8</sup>).*

“Pelas evidências históricas e etnográficas, os primeiros moradores de Murumurutuba eram ex-escravos vindos dos antigos quilombos de Ituqui, Saracura e Bom Jardim” (O’DWYER; SOARES, 2011, p.11). O processo de ocupação do quilombo, segundo as entrevistas feitas pela Rafaela Pinto (comunicação pessoal) e outras que eu realizei com alguns moradores, como Prof. Mário e Antonio Pinto é que Murumurutuba foi um local onde os primeiros moradores estabeleceram residências fixas, no período pós-conflito sendo um local mais pacífico. Muitas dessas

---

<sup>8</sup> Trecho extraído da entrevista com Antônio Pinto realizada no dia 08 de outubro de 2022

informações veremos no trabalho de conclusão de curso da Rafaela intitulado “Estudar a História de um Quilombo é uma forma de resistir: Estudo de caso de Murumurutuba-PA” (defendido no dia 10 de fevereiro de 2023), que fez esse levantamento mais detalhado com os antigos

Os remanescentes de quilombo de Murumurutuba remetem suas falas ao tempo de quando os antigos (seus antepassados) chegaram á localidade dessa comunidade, dentre os quais destacamos as entrevistas dos seguintes moradores: D.Palmira Dias, Sr.Francelino dos Santos, D.Alexandrina Pereira Pinto, D.Flauzina de Jesus Pinto, D.Silvina, D.Raimunda dos Santos e o Sr. Antonio Pinto (O'DWYER; SOARES, 2011, p.11).

De acordo com o levantamento antropológico feito, vemos que essa mobilidade ocorreu no processo de ocupação em Murumurutuba. A região de origem mais citada é a da área de várzea do Ituqui, onde vários moradores possuem esse laço de parentesco. Mais além do Ituqui a ocupação de Murumurutuba deu-se também por quilombos próximos. Uma das entrevistadas no RTID, a D. Flauzina, minha saudosa avó, era moradora de Saracura, e se casou com meu avô Joaquim Pinto, o saudoso Neném Pinto<sup>9</sup>, que tem ascendência na região do Ituqui, e juntos vieram morar em Murumurutuba, estabelecendo sua moradia, sendo uma das maiores famílias atualmente e que ocupam um local conhecido como Vila Pinto. “*Todas as famílias estão ligadas aos antigos moradores: Pedro Batista, Boaventura Marciano dos Santos e Dionísio Rabelo*” (O'DWYER; SOARES, 2011, p.11). Pelos relatos dos mais antigos esses são os primeiros moradores de Murumurutuba. Sendo esses os primeiros a ocuparem o quilombo. É interessante que o sistema de casar com pessoas da mesma comunidade ou de quilombos vizinhos, ainda acontece em Murumurutuba. Ocorre por conta que, parte dos jovens casam cedo e não tem a oportunidade de irem para outros lugares, casando com parentes ou pessoas de outras famílias. Apesar de termos acesso ao ensino superior, ainda há desistência de colegas na universidade.

---

<sup>9</sup> Neném Pinto era meu avô. No decorrer do trabalho vai aparecer outro nome Neném, em referência a dona Plácides que era ocupante do sítio Moura e mãe de dona Mária Lucia.

Com isso preferem continuar na comunidade e fazer atividades com os recursos que existem no quilombo.

É provável que a ocupação no quilombo se deu num período de pós-escravização, já que antes, segundo os relatos, a comunidade fazia parte da grande fazenda de Bom Jardim. As autoras Eliane O'Dwyer e Mariana Soares citam uma entrevista com Dona Raimunda Pereira que fala da grande fazenda de Bom Jardim, sendo que o lucro, da época, vinha das grandes plantações de cacau. A extensão dos plantéis de cacau passava por Murumurutuba, Murumuru e chegava até o quilombo de Tiningú. As grandes fazendas da época eram as “casas grandes de Bom Jardim e da fazenda de Taperinha” (O'DWYER; SOARES, 2011, p.15). “Durante o período da escravidão, o município de Santarém recebeu escravos africanos, que foram enviados para essa localidade para trabalhar em fazendas de engenho (como a taperinha) e cacau (como a Fazenda de Bom Jardim)” (O'DWYER; SOARES, 2011, p.16). A mão-de-obra escrava exigia uma demanda muito grande dos negros, aumentando com isso o tráfico de africanos, os forçando a trabalhar cada vez mais nas lavouras cacaeiras. Contudo, segundo Funes (1995) “Em fins da primeira metade do século XIX, a lavoura cacaeira perdeu força em razão dos altos custos do plantio e da retração do mercado, em decorrência da competitividade de outras regiões, especialmente da Venezuela” (FUNES, 1995, p.3).

Para entender as ocupações passadas, é preciso pensar na localização geográfica de Murumurutuba e das comunidades em torno. Pensar não no tamanho em metros quadrados que cada quilombo tem, e sim na localidade e mobilidade que acontece na própria comunidade. Um exemplo são as casas que estão perto da área de serra, facilitando acesso ao roçado, mas também aquelas perto do acesso do rio para facilitar a atividade de pesca. Ao olhar a extensão da comunidade do alto da serra, ver figura 2 vemos como os espaços da comunidade são divididos entre serra, casas no espaço ao meio e o rio a frente. Na área de serra o solo é mais argiloso, local ideal para plantio, e local da área de terra preta (parte de cima). Na área onde as casas estão postas, a terra é mais arenosa, mas firme, onde os moradores plantam açaí, pupunha, cupuaçu, entre outras variedades de frutos (parte de baixo). Já na área perto do rio, que é a região de igapó é um lugar mais alagável. Essas são as diferenças

inseridas na paisagem de Murumurutuba, contudo são essenciais no manejo das atividades elaboradas pelos quilombolas.

**Figura 2** - Vista aérea da comunidade de Murumurutuba.



Fonte: Luan Pinto (2020)

Ao falar em quilombo, não tem como citar somente um espaço, mas sim um território como um todo, pois as histórias e vivências são parecidas e muitas vezes conectadas. Dos quilombos vizinhos temos: de um lado o quilombo de Bom Jardim. Próximo temos os quilombos de Murumuru e Tiningú, que estão interligados a essa história. Tiningú segundo Funes era o esconderijo para os negros em fuga. Nos jornais da época havia fortes denúncias dos senhores contra os negros que fugiam do sistema escravista, e escolhiam Tiningú como lugar estratégico para se esconder.

No dia 14 de maio de 1844, foi requisitado junto às autoridades competentes da Província o envio de praças para dar combate aos quilombolas do Curuá e das localidades mais próximas se Santarém, como Urucurituba, Tingu e

Ituqui [...] Apesar de todos os transtornos, a expedição saiu de Santarém para bater o quilombo que existia em Tiningu e Ituqui (FUNES, 1995, p.9).

Pelas entrevistas que estamos realizando, o processo de ocupações que ocorreu em Murumurutuba aconteceu em um período mais pacífico.

O quilombo de Murumurutuba, tem outro vizinho muito importante em meio a esse processo de formação, que é aldeia São Francisco da Cavada<sup>10</sup>. Pelo que sabemos dos mais velhos, existe uma relação de parentesco entre alguns moradores. A irmã da vó Flauzina, a dona Lurdes conhecida como *tia Bebé* foi casada com o seu Noé que era morador da Cavada, hoje já falecidos exceto a *tia Bebé*. Na entrevista com o prof. Mário Bentes realizada no âmbito dos projetos de pesquisa mencionados, e presidente em exercício de Murumurutuba, ele relata o seguinte sobre alguns dos moradores antigos da Cavada:

**Mário Bentes:** *“Aí o pessoal da dona Maria Lúcia que era dona Neném a mãe dela, a dona Raimundinha, eu lembro dela. Aí tinha mais lá cima, seu Manezinho.” No que diz respeito a organização social, educação e acesso á água, ele informa: “Eles demoraram mais tempo também a questão da organização. Aí eu falo na questão de organização social né [...] E depois é que eles voltam a se organizar mais, e aí tinha essa dependência muito de Murumurutuba, eles. Eram muitos ligados aqui também, tanto e que chamavam lá São Francisco do Murumurutuba [...]*

**Anne:** *Quando é que muda, o senhor sabe?*

**Mário Bentes:** *Eu acho. Mais aí eu acho que já foi mais recente, na década de 90, que eles já, com esse espírito de organização social, aí já começam a identidade própria deles.”* (informação verbal<sup>11</sup>, 2022).

Com a questão da organização social em andamento, aos poucos vai havendo um desligamento entre Cavada e Murumurutuba, tanto que o nome da

---

<sup>10</sup> A Aldeia São Francisco da Cavada, também é conhecida como Cavada. O nome Cavada está relacionado ao fato de que no passado haviam alguns poços cavados para armazenar água da chuva, já que a água era de difícil acesso aos moradores.

<sup>11</sup> Trecho extraído da entrevista realizada no dia 15 de outubro de 2022.

comunidade passa a se chamar São Francisco da Cavada, em referência ao padroeiro da aldeia.

O Sítio Moura-TPI, que pesquisamos e no qual foi identificado e registrado nas atividades de campo, que serão descritas no capítulo 3, foi dividido, metade do local pertence à Murumurutuba e a outra metade pertencendo a aldeia da Cavada. Sendo assim retornamos em 2022 para realizar outra etapa de campo com o objetivo de conhecer a história do sítio, mas dessa vez incluindo os relatos dos moradores da aldeia.

Dona Maria Lúcia é uma das nossas protagonistas principais nesse processo de entender as ocupações que ocorreram na área de terra preta do Sítio Moura. Sendo que o sítio pertencia a sua mãe, conhecida como dona Neném. Dona Maria Lúcia ver imagem 3, tem 65 anos de idade é filha de dona Plácide Noqueira, Dona Nenén<sup>12</sup> e neta de dona Raimundinha, ambas eram grandes parteiras da região. Ela é uma mulher forte e engajada no movimento indígena, e ativa nas atividades da aldeia. Como a entrevista não foi gravada, por preferência da dona Maria Lúcia, registramos o que foi possível ouvindo os relatos dela e anotando no caderno de campo.

Foi incrível ouvir ela contando as histórias do tempo da mãe dela, e a relação que elas tinham e têm com a natureza. Ela nos contou que morou em Murumurutuba: *“Sou filha de Murumurutuba, passei uns 11 anos lá. Estudei até a terceira e quarta série, fiz a primeira comunhão”* (informação verbal<sup>13</sup>,2022). Segundo ela, a família veio da região do Arapiuns para trabalhar no Ituqui. Mas no tempo do inverno vinham para a Cavada para caçar. No entanto, já haviam moradores na Cavada *“A família Aguielo já estava aqui quando a mamãe chegou”* (informação verbal). Os Aguielo são da família do seu Noé, que era cunhado da minha avó Flauzina. Veremos mais informações dos registros de campo nos resultados desta pesquisa, como os locais

---

<sup>12</sup> Dona Nenén mãe de dona Maria Lúcia

<sup>13</sup> Entrevista não gravada, realizada no dia 16 de agosto de 2022.

de memória, as casas da família, as plantas na paisagem e os vestígios cerâmicos que dona Maria Lúcia fez questão de nos levar para conhecer.

**Figura 3** - Dona Maria Lúcia



Foto: Acervo do projeto (2022).

## **CAPÍTULO 2            METODOLOGIA**

Desenvolver uma pesquisa em território quilombola é um desafio e tanto, que envolve toda uma logística, acesso ao local e as parcerias que vamos conquistando ao longo do tempo. E quando se fala no processo metodológico a primeira coisa a se fazer é conhecer as pessoas que já estudaram áreas de contextos parecidos, para assim, de certa forma, comparar as semelhanças e diferenças. Mas, certo é que não importa quão longe seja cada quilombo, os aspectos de resistências e as formas de sobreviver, plantar, cultivar e colher são parecidas, e as nossas lutas pela garantia do direito ao território não divergem. Pois, quando falo em comunidades quilombolas, não tem como me referir a um contexto isolado, e sim a um todo. Lutamos por melhorias, por políticas públicas, acesso ao ensino superior. Quando me refiro ao acesso ao ensino superior faço menção ao seu Antônio Pereira, ao seu Benedito Mota, ao seu Dileudo Guimarães, e a tantos outros líderes do movimento quilombola, que lutaram para que hoje eu enquanto quilombola, e outros colegas tenham acesso ao nível superior.

A metodologia empregada está dividida em várias partes, que refletem o percurso que tivemos que fazer, desde a iniciação científica até o trabalho atual. E os resultados irão dialogar com essas maneiras de fazer.

### **2.1. O levantamento bibliográfico**

O processo de metodologia consistiu primeiramente em um levantamento bibliográfico, sobre as pesquisas históricas e arqueológicas realizadas em quilombos de nossa região e de outros estados. Essa etapa foi essencial para assim buscar entender como se deu o processo de formação de outros quilombos. Entender como as políticas internas se articulam, buscando melhorias para os quilombolas, e relacionar com a realidade de Murumurutuba. Uma das nossas principais referências sobre as pesquisas feitas em quilombos, é o historiador Eurípedes Funes, seus estudos são direcionados aos quilombos do alto Trombetas e Baixo Amazonas. Funes foi a campo, viu a realidade das comunidades quilombolas, entrevistou os mais

antigos, entre eles meus avós. Suas pesquisas serviram e servem como ferramenta para agilizar o processo de titulação dos territórios. Apesar de Funes citar todos os quilombos em torno (Baixo Amazonas). Percebi que as falas sobre Murumurutuba eram muito limitadas, já que seu estudo era mais abrangente. E isso despertou o interesse em minha pessoa em saber mais sobre as histórias antigas e atuais dos nossos quilombolas. Histórias que estão sendo contadas e escritas. Além de Funes, o Relatório Técnico de identificação e delimitação -RTID, feito por Eliane Cantarino O'Dwyer e Mariana Pettersen Soares, foi outro guia que nos auxiliou a entender um pouco da história de Murumurutuba.

## **2.2. A busca pelos locais de ocupação**

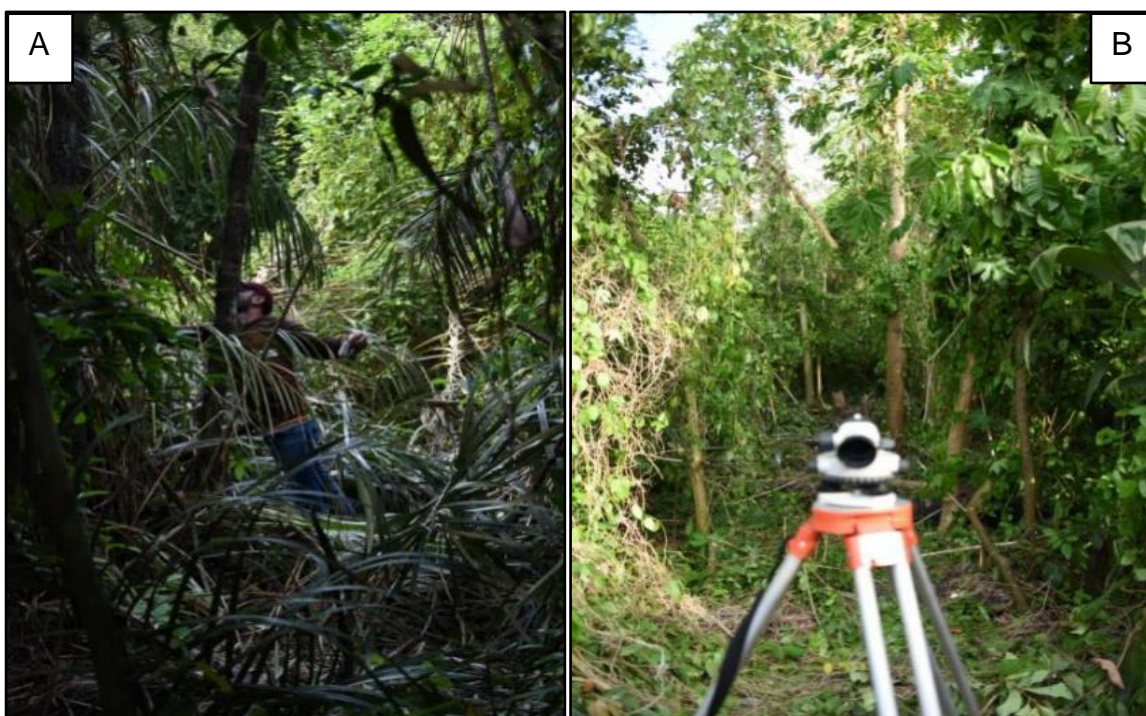
A busca por espaços do século XX e XXI de uso e desuso na comunidade, envolveu tentar reconhecer as antigas habitações, árvores, caminhos antigos, etc. que são fatores que nos ajudam a entender a dinâmica da comunidade. Realizamos em 2019 partes da pesquisa através de uma etapa de campo (dívida em dois finais de semana), com auxílio de um projeto de iniciação científica (PIBIC).

Através dos relatos dos moradores identificamos um espaço, no caso o sítio arqueológico Terra Preta (TP) do Moura onde fizemos um levantamento, vamos apresentar a localização deste sítio e a importância dele mais a frente. A etapa de campo consistiu em estabelecer um GRID norte sul, com linhas perpendiculares e 50m de distância entre elas, usando nível ótico, trena, bússola e GPS.

A cada 50m foi feito intervenções de 1m de profundidade por 30cm de largura e com níveis de 20cm chamadas de tradagens. Fizemos as tradagens para delimitar toda a extensão da área de terra preta, até ao que se conhece localmente como “terra de minhocas”, coletando os materiais de diferentes naturezas de maneira separada e com numeração específica e coloração do solo identificada pela tabela Munsell. Picos foram feitos na mata para que as tradagens pudessem ser puxadas, todos os pontos foram marcados no GPS com o DATUM WGS84, ver figura 4A os picos abertos na

mata para o mapeamento e as tradagens, na figura 4B, com os picos feitos e o nível ótico posicionado para dar o direcionamento exato.

**Figura 4** - (A) Abertura de picos. (B) Picos abertos.



Fonte: Acervo do projeto (2019)

### 2.3. Tratamento do material coletado em laboratório

Outro processo que sucedeu ao campo foi a curadoria e triagem dos materiais identificados. Dentre os materiais na tradagem e em superfície a maioria são cerâmicos, líticos (sendo um granito) ver figura 5A. Dos que achamos em superfície foram: um afiador lítico (figura 5B), restos de malhadeira de fio de nylon (figura 6), restos de um forno de ferro de torrar farinha, com bordas conservadas e fundo deteriorado (figura 7), garrafas PET (figura 8), garrafa de vidro (figura 9), estacas caídas (figura 10) ao chão que remetem a casas e caminhos antigos. O sítio de terra preta do Moura é um sítio multicomposicional, ou seja, nem todos os materiais arqueológicos remetem apenas a uma ocupação.

Desses materiais recentes encontrados na superfície não houve coleta apenas marcamos o ponto e registramos no GPS.

**Figura 5** - A: Artefato lítico, matéria-prima granito. B: Afiador lítico



Fonte: Autora, 2022

**Figura 6** - Malhadeira fios de nylon



Fonte: Acervo do projeto (2019)  
**Figura 8 - Forno de ferro**



Fonte: Acervo do projeto (2019)

**Figura 7 - Garrafa PET**



Fonte: Acervo do projeto (2019)

**Figura 9** - Garrafa de vidro



Fonte: Acervo do projeto (2019)

Fonte: Acervo do projeto (2019)

**Figura 10** - Estacas caídas ao chão que remetem a casas e caminhos antigos



Iniciei a limpeza dos materiais coletados em fevereiro de 2020, lavando com água e auxílio de pincel. Infelizmente houve a pandemia, e o processo de limpeza no laboratório parou. Retornei à limpeza dos materiais no dia 08 de março de 2022, onde minha orientadora me ensinou outro método que poderíamos fazer “a limpeza a seco” dos materiais, este processo ajuda muito na preservação das informações que contém nos materiais, como preservar a coloração, os motivos decorativos, entre outros aspectos. Minhas ferramentas de limpeza foram: algodão, bisturi, palito de madeira, um pouco de água que usava com o algodão para facilitar a limpeza. No dia 26 de abril de 2022 concluí a etapa de limpeza. Lembrando que nestes momentos de limpeza, já fui registrando outras informações dos materiais, como a coloração, se haviam motivos ou incisões decorativas, e também foi um momento em que pude aprender mais sobre esse processo de limpeza que até no momento ainda não havia feito fora de disciplinas. Na sequência, no dia 18 de maio, continuei as análises dos elementos diagnósticos, como: as bordas, as paredes com decoração, paredes sem decoração, bolotas de argila, estatuetas, base e apliques. Como também numerando os materiais, e pesando-os. Com isso optamos para realizar uma análise mais simples dos materiais coletados em campo, pois estamos focando também em outras atividades. Segue abaixo a descrição dos materiais de acordo com cada categoria. A tabela informa sobre a quantidade dos materiais que foram separados de acordo com cada categoria, foi dada ênfase ao material cerâmico por ser o mais abundante na superfície e nas tradagens: Parede com decoração, parede sem decoração, bolotas de argila, borda, peso e quantidade e de outros materiais como líticos. Estão separados de acordo com o número de proveniência e os níveis de tradagens. Totalizando 36 sacos plásticos principais. Sendo que em cada saco plástico, tem outros sacos menores separados de acordo com a identificação de cada material. Ressaltando que a análise feita em laboratório foi apenas quantitativa, não foi feita análise funcional nem qualitativa

Tabela 1-Tabela dos materiais coletados no sítio Moura.

NP	UNIDADE	NÍVEL	MATERIAIS		
			TIPO	QUANTIDADE (unidade)	MASSA (g)
01	N1000 E1000	0-20cm	Parede sem decoração	9	30,90g
			Parede com decoração	4	52,59g
			Parede sem decoração.	29	63,35g
			Parede com decoração	18	37,52g
02	N1000 E1000	20-40cm	Bolotas de argila	3	2,59g
			Borda (Presença de incisão em alguns fragmentos)	5	27,06g
			Estatueta	3	59,20g
03	N1000 E1000	40-0cm	Não identificado	3	2,59g
			Parede sem decoração	2	7,74g.
			Base	1	11,62g
04	N1042 E1000	0-20cm	Parede sem decoração	14	28,19g
			Não identificado	11	5,81g
05	N950 E1000	0-20cm	Parede com decoração	4	7,52g
			Parede sem decoração	12	25,31g

Continua.

			Não identificado	3	1,44g
06	N950 E1000	20-40 cm	Não identificado	4	2,94g
			Parede com decoração:	5	15,56g
			Parede sem decoração	23	47,98g
07	N900 E1000	0-20cm	Borda	2	2,77g
			Parecido com carvão	2	0,32g
			Não identificado	12	6,78g
08	N850 E1000	0-20 cm	Não identificado	1	0,27g
09	N969 E1000	Superfície	Afiador Lítico: Machado de mão	1	88,01g
			Parede sem decoração	5	29,58g.
10	N1025 E975	0-20cm	Parede com decoração	2	9,81g.
			Borda	1	10,49g
			Parede sem decoração	54	129,53g
			Parede com decoração	20	68,67g
11	N1025 E975	20-40cm	Borda	3	47,45g
			Bolotas de argila	23	11,67g.
			Não identificado	74	18,78g
12	N1029 E975	0-20cm	Pedra de seixo	1	3,77g

Continua.

			Lítico; Granito	1	22,57g
			Parede sem decoração	18	36,17g
12	N1029 E975	. 0-20cm	Parede com decoração	4	19,62g
			Não identificado (Obs.: coletado na borda da depressão)	3	60g
13	N1029 E975	20-40cm	Parede sem decoração	4	6,71g
			Não identificado	3	1,32g
14	N950 E1000	20-40cm	Provável bolota de argila. Se desfez na limpeza com água. (antes da pandemia, depois foi feita limpeza a seco nos demais)		
			Parede sem decoração	5	12,91g.
15	N900 E1050	0-20cm	Bolotas de argila	1	0,84
			Não identificado	3	0,62g
16	N900 E1050	0-20cm	Parede sem decoração	4	2,69g.
			Não identificado	9	2,82g
			Bolotas de argila	6	10,78g
			Base	1	18,96g
			Borda	6	100,55g
17	N900 E1100	0-20cm	Parede com decoração	38	132,08g
			Parede sem decoração	91	296,86g
			Não identificado	57	29,60g

			Parede sem decoração	15	27,54g
			Parede com decoração	15	20,88g
18	N900 E1100	20-40cm	Borda	1	9,15g
			Bolotas de argila	13	13,84g
			Não identificado	13	4,16g
			Bolotas de argila	4	1,49g
19	N900 E1100	40-60cm	Parede sem decoração	2	6,94g
			Não identificado	3	4,52g
20	N900 E1100	60-80cm	Não identificado	3	2,96g
21	N900 E1100	80-100cm	Parede com decoração	1	1,14g
			Parede sem decoração	17	36,74g
			Parede com decoração	15	41,37g
22	N900 E1150	0-20cm.	Borda	4	11,11g
			Não identificado	7	2,21g
			Parede com decoração	1	10,62g
23	N900 E1150	20-40cm	Não identificado	3	0,90g
24	N900 E1150	60-80cm	Bolotas de argila	2	8,51g
41	N1000 E1050	0-20cm	Bolotas de argila	6	4,13g

Continua.

			Parede com decoração	8	9,68g
			Parede sem decoração	9	17,63g
			Borda	2	5,22g
			Não identificado	9	1,25g
			Bolotas de argila	3	1,55g
42	N1000 E1050	20-40cm	Parede sem decoração	4	5,06g
			Parede com decoração	1	2,15g
43	N1000 E1050	40-60cm	Parede sem decoração	1	2,62g
			(Não identificado)	1	2,99g
			Parede com decoração	6	6,99g
44	N1000 E950	0-20cm	Parede sem decoração	10	13,09g
			Borda	1	2,74g
			Não identificado	14	6,88g
45	N1000 E950	20-40cm	Parede com decoração	1	6,73g
			Não identificado	1	0,40g
			Bolotas de argila	3	0,69g
46	N1000 E950	40-60cm	Não identificado	3	1,50g
			Bolotas de argila	15	21,77g
47	N950 E1100	0-20cm	Borda	3	63,12g

Continua.

			Parede sem decoração	25	64,18g
			Parede com decoração	24	52,25g
			Base	2	4,07g.
			Não identificado	24	14,22g
			Parede sem decoração	16	23,99g
			Parede com decoração	13	28,50g
48	N950 E1100	20-40cm	Borda	6	294,19g
			Bolotas de argila	10	4,84g
			Não identificado	9	2,37g
49	N850 E1100	Superfície	Granito	1	64,62g
50	Superfície	Superfície	Parede sem decoração (Obs: Coletado no caminho antigo)	3	0,65g
51	Superfície	Superfície	Lítico:Núcleo (Obs: Coletado no caminho antigo)	1	0,35g

---

Fonte: Autora (2022)

## 2.4. Entrevistas

Para entender sobre as histórias do quilombo de Murumurutuba e as antigas ocupações relacionadas ao Sítio Moura-TPI, optamos por realizar entrevistas com alguns moradores que possuem vivências com o contexto. As entrevistas foram realizadas com o professor Mário Bentes, o meu pai Antonio Pinto e dona Maria Lúcia, que é moradora da aldeia São Francisco da Cavada, dona Raimunda e minha mãe Dona Ruth. As entrevistas eram abertas com algumas perguntas orientando, mas com o objetivo de deixar os entrevistados a vontade.

Um dos primeiros entrevistados foi o meu pai Antonio de Jesus Pinto Pinto, 62 anos, (figura 11)

**Figura 11** - Antonio de Jesus Pinto



Fonte: Acervo do projeto (2022)

Cresci ouvindo as histórias dos antigos, de como era nos tempos passados, como ele ajudava o pai no sustento da família indo para o roçado. Sendo ele um grande conhecedor local da comunidade e das áreas de terra preta

e roçados, as orientações dele foram essenciais para nos direcionar aos lugares sagrados e antigos. Das perguntas que fizemos para ele foram: *Como era o caminho de acesso ao roçado? Quais lembranças dos tempos de infância em relação ao sítio Moura o senhor tem? Por que não se utilizam mais os antigos caminhos? O senhor sabe quais eram os antigos caminhos na comunidade?*

Ao entrevistar dona Maria Lúcia Nogueira (figura 12) cada pergunta foi um indicador positivo para acessar sua memória.

**Figura 12** - Maria Lúcia Nogueira



Fonte: Acervo do projeto (2022)

Convidamos ela para compartilhar suas vivências conosco, porque o Sítio Moura foi o lugar que ela passou sua infância com seus pais. Algumas das perguntas prontas foram: *Que lembranças de sua infância a senhora tem do*

*sítio? O atual sítio Moura pertencia a sua família? Sobre o acordo entre as duas comunidades, quais vantagens se pode obter para o território?*

O professor Mário Fernando Martins Bentes, 51 anos, Figura 13 é outro intelectual quilombola.

**Figura 13** - Mário Fernando Martins Bentes



Fonte: Acervo do projeto (2022)

Nos informou sobre as histórias de Murumurutuba, a educação quilombola e a trajetória de sua família Prof. Mário é irmão do Sr. Álvaro, antigo ocupante e morador da área de terra preta do Moura, acima da serra que é genro de uma antiga moradora do quilombo, conhecida como D. Paula, tida como uma das mais antigas a ocupar a região. Das perguntas que fizemos foram: *O que os*

*levou a construir a casa próxima no local acima da serra? Como era o acesso para chegar até o local? Quais eram os caminhos que percorriam? Nas colheitas como e onde armazenavam os alimentos?*

Outra pessoa super engajada no movimento quilombola que cedeu entrevista, é a Dona Raimunda Pereira dos Santos, 68 anos, figura 14.

**Figura 14** - Raimunda Pereira dos Santos



Fonte: Acervo do 2019

Ela contou da sua trajetória como mulher negra quilombola, da sua relação de parentesco com os primeiros moradores do quilombo. Informou da

origem do movimento quilombola na região de Santarém e do início do mesmo em Murumurutuba, contou sobre os locais que são sagrados como os igarapés.

Por fim, Ruth Helena dos Santos 53 anos, figura 15, que muito contribuiu conosco.

**Figura 15** - Ruth Helena dos Santos



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Filha de um dos curadores antigos da comunidade, e conhecedora local. Entre as perguntas que fizemos foram: *quais histórias a senhora lembra dos encantados? Conhecia os moradores mais antigos? Quais plantas tinham no quintal.* Essas perguntas nos direcionaram a entender mais sobre a história dela e dos antigos

São essas algumas das perguntas que nos direcionaram a buscar entender sobre as vivências dos moradores. Nas entrevistas, é interessante como as perguntas direcionam aos entrevistados a acessarem memórias que muitas vezes estavam guardadas somente para eles e elas. As entrevistas nos permitiram isso, de conhecer as histórias através da memória, além de trazer o protagonismo das mulheres que possuem grande conhecimento sobre o território.

## **2.5. Produção de mapas**

Inicialmente tínhamos como uma das metas do trabalho a realização de mapas de densidade do sítio: localização do sítio, tamanho da área de terra preta, mapas de concentração dos materiais, localização dos materiais e mapeamento dos locais de memória. Como houve a pandemia e que não tínhamos como pedir apoio para a produção de mapas dentro da comunidade, não foi possível fazer um mapa mais elaborado, decidimos focar mais nas entrevistas. No entanto, estou utilizando imagens simples do Google Earth, que vão nos informar sobre os locais já registrados. A proposta de usar os mapas é que vai nos direcionar a entender e visualizar os registros como: caminhos antigos, as árvores, antigas habitações, as tradagens e as vilas da comunidade. Essas informações são interessantes para entendermos sobre as mudanças e a ocupação do quilombo.

### **CAPÍTULO 3 - DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES REALIZADAS E OS PRINCIPAIS RESULTADOS:**

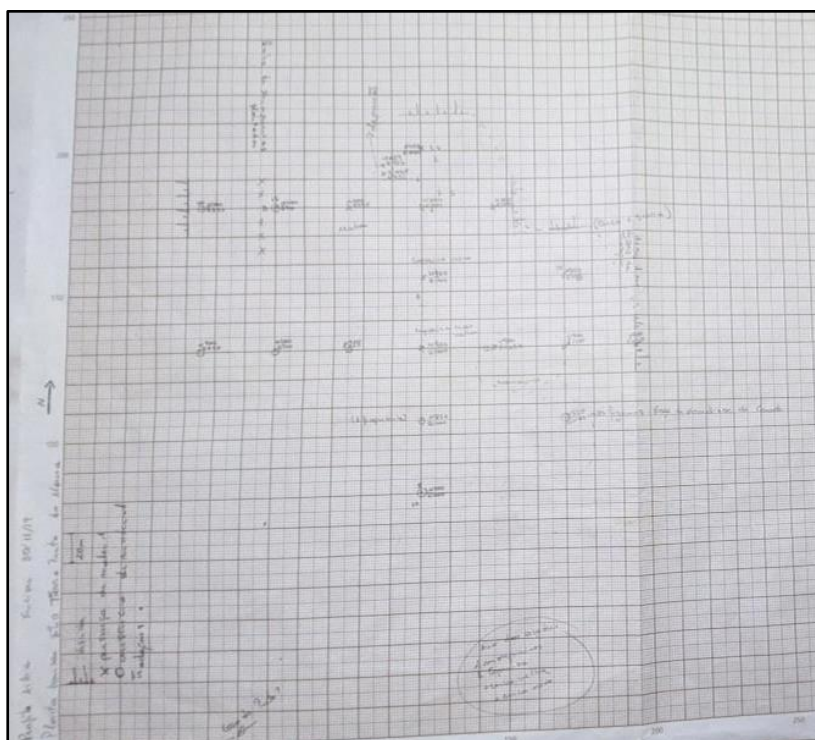
O levantamento bibliográfico muito me ajudou a entender as etapas de campo que sucederam. Óbvio que num primeiro momento, de certa forma, existe um impacto, mesmo sendo moradora e conhecendo os locais que fazem parte do meu cotidiano é muito diferente olhar como pesquisadora. Tenho a tarefa de saber transmitir todas essas informações para as pessoas que conhecem ou pessoas que não têm esse convívio social. No entanto, lendo as descrições das pesquisas da Patrícia Marinho de Carvalho no quilombo Boqueirão em Vila Bela, Mato Grosso (CARVALHO, 2018), fui me identificando e compreendendo sobre o que ela estava repassando. E assimilando as informações parecidas com a que ocorrem em Murumurutuba, seja abandono de antigos portos, ou antigas habitações, assim como o reuso do espaço. Outro pesquisador que me auxiliou nesse processo de compreender as mudanças que ocorrem no decorrer do tempo, foi o arqueólogo Fabio Guaraldo, em sua pesquisa no quilombo de Mandira, no município de Cananéia, São Paulo (GUARALDO, 2012). Ele fala da forma de organização social do quilombo e como os quilombolas ao longo do tempo vêm modificando a paisagem, e acessando locais abandonados como caminhos antigos. Essas pesquisas transmitem a forma como os quilombolas estão reivindicando seus espaços, são locais, lugares, que mesmo sendo acessados com menos frequência ainda estão inseridos no território. Este capítulo diferente dos anteriores é mais descritivo, um pouco parecido com um relatório, no entanto diálogo com as informações das atividades.

#### **3.1. As principais atividades de campo foram feitas em 2019 e 2022.**

Em 2019, realizamos as intervenções de subsuperfície em dois finais de semana, nossos colegas do curso Rafaela Pinto, Tarcísio Vandekoken, Indira Amazonas, Jamile Porto, Gelciane Barbosa, Carlos Alves, a arqueóloga Karen Marinho, o prof. Claide Moraes, prof.<sup>a</sup> Myrtle Shock e minha orientadora. Para chegar neste sítio temos dois caminhos de acesso: um pela serra do senhor

Gonsalo, pai do professor Mário Bentes. O percurso dura em média de meia hora a uma hora. A outra opção é por uma *vereda*<sup>14</sup> de caça, um local bastante íngreme, que tem a duração de quinze minutos à meia hora conforme a caminhada de cada um. Utilizamos este último acesso para chegar ao sítio. O que nos chamou atenção no sítio, e que é a referência no local para os moradores, são os pés de mangueira. Este local já era conhecido da comunidade de Murumurutuba e da aldeia São Francisco da Cavada, mas só entramos em contato com ele em 2017 quando Rafaela e Tarcísio foram com o meu pai até o local, para obter informações do ambiente. A figura 16, a seguir, mostra a planta baixa das atividades feitas como o mapeamento da área de terra preta, identificação de árvores de referência, caminhos antigos e locais de habitações antigas.

**Figura 16** - Planta baixa das atividades em 2019.



Fonte: Acervo do Projeto (2019).

<sup>14</sup> Vereda é um caminho na mata estreito feito pelo caçador ter acesso à caça.

Devido a área ser composta de terra preta e algumas árvores serem antigas, os troncos são bastante avantajados. Realizamos nossa primeira tradagem próximo ao pé de uma das grandes mangueiras, (figura 17) os profs. Anne e Claide ajustaram o nível ótico e marcaram um grid norte e sul. A primeira tradagem foi N1000 E1000, nesta encontramos material cerâmico, um fragmento parecido com um braço de estatueta. Nos separamos em duas equipes eu, Rafaela, Carlos, Anne e meu pai, Antonio Pinto, seguimos para o lado norte. Neste lado antes mesmo de chegar aos 50m já nos encontrávamos na “cabeça da serra<sup>15</sup>” por isso somente uma tradagem foi feita neste local. A outra equipe foi composta por Gelcy, Indira, Tarcísio e Claide, que seguiram no sentido leste. Na parte da manhã tivemos algumas dificuldades para chegar ao local carregando os equipamentos, pois quando me refiro às pesquisas em quilombos, é falar que certos locais de acesso são limitados geograficamente. Com os equipamentos instalados, na parte da tarde, picos foram abertos na mata e seguimos no sentido sul. Seguimos mais 50m coletamos mais materiais cerâmicos, neste mesmo local pela manhã papai encontrou um afiador lítico, estava perto de várias plantas de cará que é um tubérculo comestível, e que nasce sozinho no local, comum em área de terra preta. Neste local a presença de terra preta é grande ficando evidente nas tradagens. A terra preta está presente em maior quantidade dos níveis até os 40cm, em alguns casos chega nos 60 cm. Na figura18, conforme vemos, é uma das áreas onde há grande concentração de terra preta.

---

<sup>15</sup> O termo “cabeça da serra” é conhecido pelos moradores como o final do caminho de serra, assim como “pé da serra” significa início do caminho.

**Figura 18** - Mangueira, próximo a primeira tradagem.



Fonte: Acervo do projeto (2019)

**Figura 17** - Tradagem, área de TPI



Fonte: Acervo do projeto (2019)

Registramos a localização do sítio Moura no GPS sempre usando o DATUM WGS84 (S 02°25'03.02" W 054°44'30.5"). A tradagem N850 E1000, como podemos observar na figura 19, tem coloração pouco escura (de acordo com a tabela Munssel 7.5YR-4/1), na superfície tendo umas “bolotas<sup>16</sup>”, mas notamos nos níveis seguintes que a coloração fica mais no tom marrom claro (7.5YR-5/6). possuindo bolas de terra as “bolotas”. Na figura 20 coloco o exemplo de bolotas da tradagem N950 E 1100, que nos ajuda a entender a forma e o aspecto.

**Figura 19** - Tradagem (terra de minhocas)



Fonte: Acervo do projeto (2019).

---

<sup>16</sup> Bolotas é o nome dado para areia argilosa com formato de bolas. É preciso saber diferenciar para não confundir com cerâmica. As bolotas ao entrar em contato com as mãos podem se desfazer, ao entrar em contato com água se transformam em lama.

**Figura 20** - Bolotas (N950 E 1100)



Fonte: Autora (2022).

Segundo seu Antonio, este aspecto de terra é conhecido como “terra de minhocas”, e neste local encontramos bastantes minhocas, quanto aos fragmentos cerâmicos foi achado somente nos níveis 0-20cm com presença de carvão e raízes. Ao fazermos a próxima tradagem, já não havia mais terra preta no local, contudo a paisagem é que nos chamou atenção, encontramos várias seringueiras virgens. A prof.<sup>a</sup> Anne e o Tarcísio fizeram o levantamento destas árvores. Como nosso objetivo era mapear toda a extensão da área de terra preta, encerramos nesta tradagem. O estudo sobre as seringueiras está sendo desenvolvido pelo discente Tarcísio Vandekoken, na qual faz o levantamento dos seringais que estão inseridos no quilombo, sua relação e histórica e econômica com eles.

Seguimos para o lado leste em direção a equipe da Indira, Gelcy, Carlos e o prof. Claide, pois já havia sido aberto picos na mata, e feito três tradagens. Neste local, há três sequências circulares na terra, formas essas que já tínhamos visto desde o primeiro dia, pois fica perto do caminho de chegada ao sítio. Uma dessas marcas parecia ser um buraco, causado pela ação humana. Conforme vemos na figura 21, os colegas estão ao lado de um desse círculos. Foi feito uma tradagem ao lado do círculo. No impacto causado pela boca de lobo no sol, nos primeiros 20cm de profundidade, vários fragmentos cerâmicos foram aflorando em grande quantidade, e material lítico, ocorrendo na “borda da depressão”, ver figura 22. Logo interrompemos a ação de tradagem, para que no futuro, se possível, retornar ao local para abrir uma unidade de escavação.

**Figura 21** - Tradagem próxima ao círculo



Fonte: Acervo do projeto (2019)

**Figura 22** - Borda da depressão

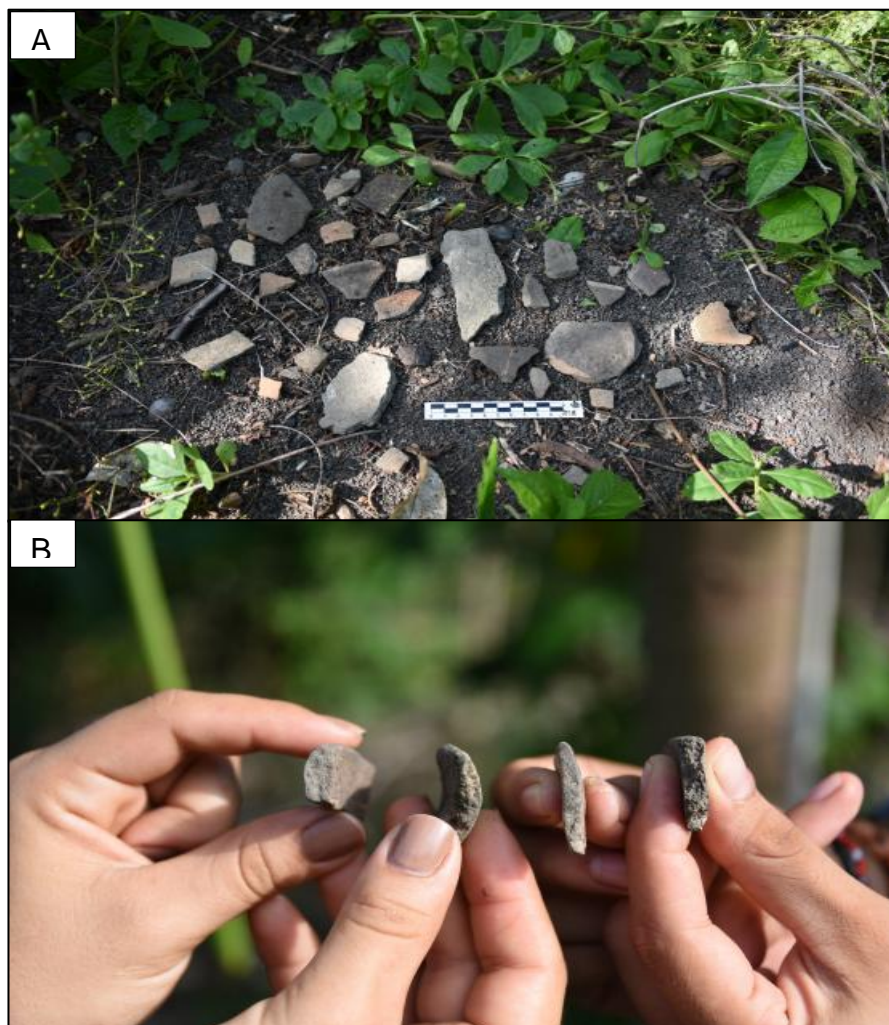


Fonte: Acervo do projeto (2019)

Em nosso retorno ao sítio, na tradagem, N900 E1050, coletamos fragmentos cerâmicos, carvões e raízes, deixamos Indira e Karen responsáveis por esta e outras tradagens. Seguindo a terra preta, chegamos na área de roçado da aldeia da Cavada (ver figura 23A) com plantações de mandioca, pimenta de cheiro, mamão, banana etc. Neste local não realizamos tradagens, já que não existia o acordo entre as duas comunidades na época. Observamos a grande quantidade de materiais cerâmicos em superfície, como podemos ver na figura 23B. Registramos em fotos o local e os fragmentos cerâmicos, pois também não queríamos impactar o plantio das famílias. E posteriormente nos informaram que a terra preta ainda continuava algumas dezenas de metro (dentro do roçado). Em 2022 tivemos acesso à essa área, mas não fizemos as tradagens ainda em função do roçado.

Essa forma de usar e fazer roçados em área de terra preta é praticada por algumas famílias da Cavada, de certa forma a terra está sendo manejada. Os materiais em superfície estão lá por conta do processo de arar a terra e preparar para outras colheitas. Muitos podem pensar que sendo um sítio arqueológico de terra preta, eles estão depredando, mas a meu ver, o roçado é o local onde as famílias estão retirando seu sustento. Eles estão modificando a paisagem. Se hoje existem locais de terra preta é porque no passado as populações indígenas fizeram algum manejo.

**Figura 23** - A: Cerâmica em área de roçado. B: Cerâmica em superfície



Fonte: Acervo do projeto (2019)

Retornamos no dia 02 de março de 2022 na aldeia da Cavada. Pois já havia passado o período mais complicado da pandemia. Fiz uma visita à aldeia, junto com o meu pai. Fomos na casa da dona Alda que é a presidente da comunidade, fui apresentada a ela e a seu esposo o seu Nonato, conhecido como Piquía. Até então não havia conversado com eles. Me apresentei e falei do objetivo da visita, informei sobre as pesquisas em Murumurutuba, e sobre o local que optamos para pesquisar, e como essa pesquisa irá contribuir para as nossas comunidades. Dona Alda foi bastante atenciosa, se mostrou interessada também nos materiais de apoio aos professores do projeto “Arqueologia nas Escolas” e pediu que em algum momento uma oficina seja ministrada para os professores. Ela me indicou para ir até o cacique local, o Sr. Santino, e o que ele decidisse, ela concordaria. No dia 07 de março, chegamos na residência do cacique Santino, falei de maneira breve e objetiva do projeto as palavras dele foram de apoio, pois assim como nossas lideranças do quilombo que esperam retornos de nossas pesquisas, eles da mesma maneira também esperam retornos positivos para sua aldeia. O cacique falou que fará um documento para autorizar a pesquisa, da mesma maneira poderemos fazer os ofícios, para que eles assinem, nas palavras dele “para sermos respaldados dos dois lados”.

Com as pesquisas autorizadas pelas lideranças indígenas, realizamos os estudos no sítio de terra preta nos dias 15 e 16 de julho de 2022. Sendo que no dia 15 de julho, fomos ao campo, a prof.<sup>a</sup> Anne, Tarcísio e eu, saímos de Murumurutuba, por volta das 8h da manhã. Chegamos à residência do cacique Santino, fomos recebidos pela sua mãe, conhecida localmente como Maria do Capoeira, ela nos indicou o caminho da entrada do sítio, (figura 24A). Caminho esse que é perto da sua casa, e é a entrada que dá acesso à área de roçado (figura 24B). O local estava úmido, pois no dia anterior havia chovido, em algumas partes estava escorregadio e com poças de lama.

**Figura 24** - A: Dona Maria nos guiando. B: Entrada que dá acesso ao sítio.

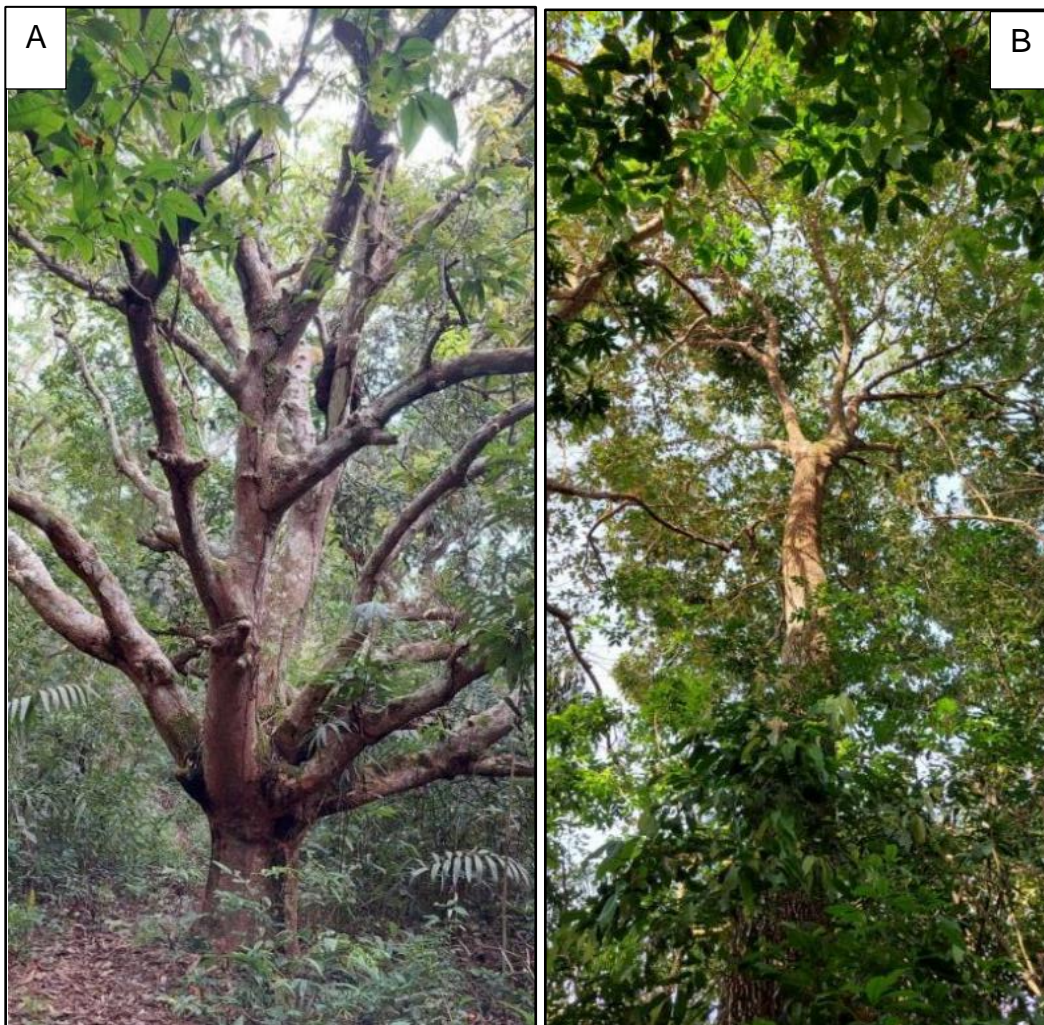


Fonte: Acervo do projeto (2022)

Ao chegar ao caminho que dá acesso ao sítio registramos em GPS: **ponto entrada-** UTM 21M 0073118/9713967. O objetivo foi mapear todo o percurso, assim observar a paisagem em geral, identificando plantas específicas, como mangueiras, seringueiras e outros indicadores, assim como, vestígios das antigas casas. Como Tarcísio é um grande conhecedor das plantas, ele foi o responsável pela identificação das árvores no local. Percorrendo o caminho observamos como é bastante argiloso. No decorrer do caminho encontramos uma cerca recente. **Ponto cerca:** S 02°34'52.8" W 054°32'44.4". Depois avistamos uma mangueira com troncos menores, com galhos altos e extensos (ver figura 25A), **mangueira Neném:** S 02°34'50.8" W 054°32'44.5", voltaremos a importância dessa árvore depois. Neste local existe

uma significativa concentração de seringas (a maior parte cortadas), levantamos hipóteses que este poderia ser o seringal de dona Neném, antiga dona do terreno. Registramos no GPS uma dessas seringueiras, **ponto seringueira: S 02°34'50.0" W054°32'44.8"**. Avistamos uma castanheira, (figura 25B), segundo Tarcísio, bem jovem, mas muito alta e com frutos nos ramos, **ponto castanheira: S 02°34'50.0" W 054°32'45.7"**. É interessante como as árvores nos contam essas histórias das pessoas que passaram por esses locais.

**Figura 25** - A: Mangueira D. Neném. B: Castanheira jovem



Fonte: Acervo do projeto (2022)

Seguindo o caminho encontramos outras mangueiras, pelo menos umas duas, **ponto mangueira:** S 02°34'49.4" W 054°32'50.0". Continuando, Tarcísio encontrou uma concentração de seringueiras virgens<sup>17</sup> ver figura 26A, ou seja, que não possuem marcas de uso, no total sete seringueiras. **Ponto seringueira virgem:** S 02°34'48.5" W 054°32'50.0", perto dessas seringueiras tem uma planta de inajá. Chegando na área do roçado (S 02°34'44.3" W 054°32'58.0"), área de terra preta, local onde alguns moradores da aldeia têm suas plantações conforme já informei anteriormente. Esta área de roça ver figura 26B, é a mesma que em 2019 não pesquisamos, porque ainda não estávamos autorizados.

**Figura 26** - A: seringueiras virgens. B: Área de roçado.



Fonte: Acervo do projeto (2022)

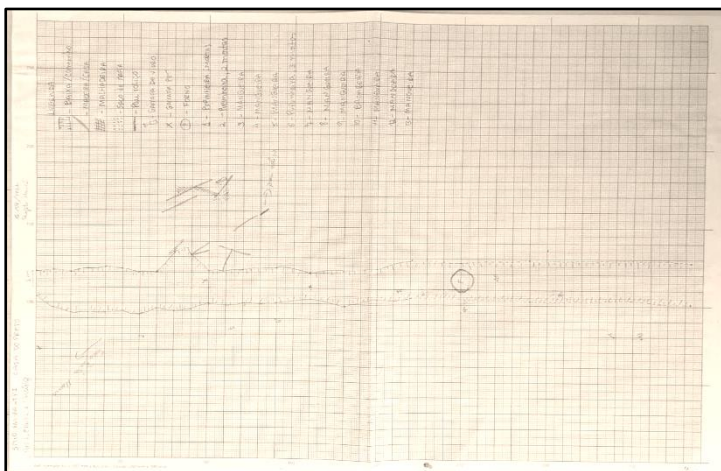
---

<sup>17</sup> Seringueiras virgens são aquelas que nunca foram riscadas ou cortadas. Provavelmente as seringueiras mais velhas expeliram frutos que geraram outras seringueiras.

Saindo da área do roçado e continuando na terra preta, chegamos na parte do sítio que está nos limites de Murumurutuba, onde em 2019 realizamos as tradagens. Foi registrado uma seringueira virgem, **ponto seringueira virgem**: S 02°34'44.7" W 054°33'02". Próximo a este local tem a casa do Sr. Álvaro Bentes, conhecido como Preto, irmão do prof. Mário Bentes. Em 2019 registramos os vestígios da casa e as plantas específicas. Só lembrando que em 2019, não realizamos tradagens no local da casa, pois pensávamos, que a área da casa estava nos limites da Cavada e ainda não tínhamos autorizações. No entanto depois soubemos que a área pertencia à Murumurutuba, e o prof. Mário Bentes reforçou isso em sua entrevista.

Perto da casa do Sr. Álvaro existe um caminho parecido com uma baixa (S 02°34'45.1" W 054°33'02"). Não sabemos como foi feita a "baixa", mas ela segue como se fosse um caminho, um pouco largo e fundo conforme a figura 27. Na primeira vez que pesquisamos no sítio não tínhamos ideia até onde a baixa iria, pois há uma cerca próxima a casa que delimita, o terreno do seu Gonsalo e do Sítio do Moura. Estando nos limites da aldeia da Cavada. No entanto, com o acordo feito pelas duas comunidades, mapeamos toda a extensão da baixa. Do registro do espaço foi feito um croqui, com os vestígios da casa e as plantas que estão nas proximidades.

**Figura 27** - Planta da baixa perto da casa do Preto



Fonte: Acervo do projeto (2022)

Seguindo a baixa, chegamos na extrema dos terrenos o Sr. Gonsalo e Moura, uma cerca de arame divide o local. **Ponto baixa/cerca:** S 02°43'46.3" W 054° 33'02.09". Prosseguindo no mapeamento da baixa, chegando na casa do Sr. Álvaro (S 02°43'47.0" W 054°33'03.5"), os mesmos vestígios que registramos em 2019 ainda estavam no local, como o forno de ferro, que segundo o prof. Mário nos informou o forno era usado para torrar farinha. As bordas continuam preservadas, mas não tem o fundo que é a base do forno. Tem diâmetro de 1,43M, ver figura 28A, **ponto forno:** S 02°34'44.3" W 054°33'03.5"

As plantas perto da casa e da baixa são: mangueiras, bacabeira e pupunheiras mortas. Os pontos da casa são: **ponto de início do croqui da casa do Preto:** S 02°34'46.9" W 054°33'03,3" e **último ponto do croqui da casa do Preto:** S 02°34'47.9" W 054°33'03.06". Foi estabelecido um eixo X e Y, ver figura 28B, para desenhar o croqui e delimitar esta parte. Algo para refletir quando estamos estudando contextos de quilombos, é como as árvores mesmo estando "mortas", ainda continuam vivas de certa forma, pois estão inseridas na paisagem como indicador de ocupação e ação humana.

**Figura 28** - A: Forno de ferro. B: Eixos X e Y



Fonte: Acervo do projeto (2022).

Com o croqui finalizado, retornamos e registramos o final da área de roçado, **fim do roçado:** S 02°34'42.3" W 054°33'01.2". Continuando próximo ao roçado, avistamos um local que possui elevação e relevos diferentes. Notamos que o início do caminho é um espaço fundo, parecido com uma vala. Esse caminho segundo Tarcísio, dá acesso a parte de baixo do sítio Moura. Em 2019 quando mapeamos parte da área de terra preta, o início do caminho foi somente registrado em fotos. No retorno ao sítio foi feito o registro **Ponto descida Moura:** S 02°34'38.1" W 054°33'00.2". Por conta de uma forte chuva neste dia e o tempo ainda continuar nublado, optamos para mapear este caminho no dia seguinte.

Finalizando esse dia, mas certos lugares nos deixaram algumas dúvidas, No entanto no dia seguinte, dona Maria Lúcia e dona Alda, fariam uma turnê guiada conosco, onde elas nos direcionariam pelos caminhos contando suas histórias e vivências. No dia 16 de julho (sábado), saímos de Murumurutuba seguindo para a Cavada. Dona Maria Lúcia e dona Alda já nos esperavam para irem conosco ao sítio. Elas são grandes contribuintes da pesquisa, e mulheres bastante engajadas no movimento indígena, Dona Maria Lúcia conta que brincava com as suas bonecas, que segundo ela, eram os bonecos cerâmicos, que conhecemos como estatuetas ou caretas. Ao chegarmos na residência de dona Maria Lúcia, a Prof.<sup>a</sup> Anne apresentou de maneira breve o objetivo do projeto, e na sequência eu e Tarcísio falamos de nossa pesquisa. O Tarcísio apresentou o projeto sobre os antigos seringais e como isso ajuda a entender a história da comunidade. Dona Maria Lúcia contou sobre o seringal plantado pela sua família, na área de terra preta. Local esse que sua mãe, a dona Neném, vendeu ao sr. Eduardo Moura. Segundo ela, ao saírem do sítio as seringas estavam pequenas, sua mãe não chegou a tirar leite das seringueiras.

Segundo ela, antes a parte de baixo do Sítio Moura, (que é a área perto do rio), pertencia ao senhor Patrício, segundo seu Antonio Pinto, esse senhor morou em Murumurutuba há muitos anos, ele tem o sobrenome Pinto, mais não tem ligação com a nossa família. Depois dessas falas, dona Maria Lúcia mostrou certo receio em repassar as informações, pois não entendia porque ela, como indígena, estava participando de um projeto sobre quilombos. Inicialmente

pensou que seria necessária a presença de outras lideranças. Mas, depois explicamos novamente que de maneira nenhuma a pesquisa e a entrevista iriam prejudicar a aldeia e a sua pessoa, e sim auxiliar ambas as comunidades, para saber sobre suas histórias, se sentindo mais à vontade ela nos repassou muitas informações sobre sua vivência com o local. Segundo ela, sempre visitava o sítio com o seu pai, e “*apreciava ver os cedros*”. Depois que a família vendeu o sítio fazia bastante tempo que ela não retornava ao local. Depois dessas falas seguimos em direção ao sítio.

A equipe foi composta por: Anne, eu, Tarcísio V, D. Maria Lúcia, D. Alda, e os professores Claide e Myrtle. Ao chegar ao caminho de acesso ao sítio Moura, Dona Maria Lúcia informou que o terreno foi vendido em 1981, e ela retornou ao local somente em 2015, e neste ano de 2022. Ao perguntar sobre sua família ela falou que sua avó Dona Raimundinha foi uma grande parteira, que pessoas de todos os lugares da região a chamavam para realizar os partos, sua mãe Dona Neném também era parteira, já dona Maria Lúcia não é parteira, segundo ela, esse não é o “dom dela”.

Dona Maria Lúcia nos contou como era o acesso deles para ter água. Segundo ela, eles desciam até o poço do senhor Zé Rikker, que fica em Murumurutuba, desciam pela serra, sendo que o poço ficava na parte baixa, que é próximo ao rio. Armazenavam a água em baldes e bacias. Pelos relatos, sabemos quão difícil era o acesso para adquirir água. O trajeto do sítio até o poço é muito <sup>18</sup>longo, esse foi um dos fatores que levou dona Neném a vender seu terreno. Tarcísio perguntou sobre os seringais que existem no sítio, ela falou “*acho que tinha umas duas tarefas do seringal*” ela conta que sua família trouxe sementes de seringa, da parte de baixo do seringal do Moura. O seringal reduziu muito, pois após a venda do terreno em 1981, dois anos depois metade do

---

<sup>18</sup> Cada tarefa possui 50m<sup>2</sup>, sendo assim, duas tarefas têm 100m<sup>2</sup>.

seringal foi derrubado para plantar capim, tornando-o um campo de pasto para os gados. Nos dias de hoje já não existe pastos nem criação de gado no sítio.

O caminho pelo qual percorremos, no dia anterior, que dá acesso ao sítio, segundo Dona Maria Lúcia era só mata. Seguimos no caminho e D. Maria Lúcia nos indicou o local da última casa da família (S 02°34'51.0 W 054°32'44.4"). Sendo a mangueira com troncos baixos, mencionada anteriormente, o ponto de referência da antiga casa. Ela contou que a mangueira tem aproximadamente quarenta anos de existência, conforme a figura 29A. Sobre as seringas, D. Maria Lúcia disse que sua mãe selecionava as seringas boas de leite, e com isso tinha uma boa plantação, ela mostrou algumas dessas seringueiras, falou das marcas de corte, ver figura 29B. Após plantar o seringal, sua família não extraiu o leite, pois venderam o terreno logo depois. Ela falou que o sr. Laudénir, que é morador da Aldeia da Cavada, trabalhou no sítio, saberia informar quem extraiu e coletou o leite das seringas. Ela contou que teve um homem que veio do Ituquí, o senhor Manezinho, sua renda era o fumo, comprou um terreno na Cavada e usava a jacitara para fazer os moles de tabaco, tanto D. Maria Lúcia como D. Alda trabalhavam com ele na época.

Figura 29 - A: Mangueira perto da antiga casa. B: Seringueiras, D. Neném.



Fonte: Acervo do projeto (2022)

A primeira casa da família, era feita de barro e a porta de palha de japá. Ela estava disposta a encontrar sua antiga casa, contudo devido a tantas intervenções que ocorreram no local, não foi possível achar os vestígios da casa em superfície. No entanto foi encontrado restos de um antigo moedor de cana-de-açúcar, ver figura 30A, sendo o ponto de referência a primeira casa da família, S 02°34'50.0" W 054°32'44.5". Próximo ao local há concentrações de seringueiras, Tarcísio observou que os cortes feitos são diferentes, ver figura 30B, esse corte provavelmente não foi feito por um profissional, já que não está totalmente em linha reta. Ela então falou que “o corte na seringueira do profissional era diferente, seguia só um modelo de linha reta, fazia outra bandeira para escorrer o leite”. As bandeiras são riscos feitos no tronco das seringueiras

e que é um diferencial do profissional para o iniciante. No percurso do caminho há muitas mangueiras, D. Maria Lúcia conta que umas ficaram pequenas quando venderam o local e as outras ela não sabe. Conversamos e ouvimos as histórias dos antigos, ela falou que vai ceder algumas fotos da família para a pesquisa.

**Figura 30** - A: vestígios de um moedor de cana-de açúcar. B: Corte em seringueira



Fonte: Acervo do projeto (2022)

Sobre o padroeiro da época ela fala que o santo da sua mãe era São Francisco, o mesmo padroeiro da aldeia. Quando havia procissão passavam pela dona Paula (mencionada como uma das primeiras moradoras de Murumurutuba), os foliões faziam instrumentos de bambu, faziam maracá de semente de cuia e os tambores eram de couro de cutia. Ela falou que São Sebastião já existia na época também, contudo não era o padroeiro deles. No

tempo das festividades eram feitos dois mastros, um para os homens e um para as mulheres “*sempre as mulheres derrubavam primeiro*”. Ela conta que os nos tempos de sua mãe, “*os homens organizavam as festas por 15 dias, faziam alvorada, e saíam pela casa onde pernoitavam*”. As falas de D. Maria Lúcia sobre as festas de santo são coincidentes com os relatos de Antonio Pinto, quando ele faz referências às festividades dos padroeiros nas épocas passadas. Essa interação entre os padroeiros e os fiéis com as festas, as missas e novenas são comuns em ambas comunidades, abrangendo outras localidades vizinhas, uma rede de relações e trocas de religiosidades e costumes.

Ela se lembra de sua época com muita alegria e saudade, o pai de D. Maria Lúcia plantava cana de açúcar, tinha canaviais, eles não usavam açúcar, somente caldo de cana, a tarde moíam a cana no moedor de cana, e no outro dia ferviam o caldo e colocavam o pó do café no recipiente junto. Anne perguntou se as mulheres da comunidade cultivavam roçados, D. Alda falou que em sua juventude plantava e ia sempre ao roçado, e seu marido, segundo ela, fazia a parte mais pesada: “*os homens brocavam o roçado*”, ou seja, derrubavam e queimavam, ela e os filhos plantavam e colhiam, era um trabalho em conjunto. D. Maria Lúcia também ia ao roçado e ainda pescava.

Neste dia, meu papai também contribuiu com a pesquisa, acompanhou a equipe até certa parte e depois continuou o trajeto sozinho, pois queria encontrar os vestígios da casa de Dona Paula, segundo o prof. Mário Bentes, Dona Paula era filha do seu João Moró, e sogra de seu irmão Álvaro, eles foram um dos primeiros ocupantes do sítio, em relação a ocupação quilombola D. Paula gostava de plantar tanto árvores frutíferas como as medicinais. Em 2019 papai nos deu como referência algumas árvores que estavam próximas à casa de dona Paula, como um piquizeiro e uma mangueira. Mas não foi encontrando vestígios da antiga casa em 2019 e 2022, pois o ambiente foi bastante modificado. Mas as árvores são indicadores da ocupação que houve no sítio. A casa de dona Paula ficava a uns 100m de um, pé de mangueira, conforme a figura 31A. Na área do sítio Moura, segundo D. Maria Lúcia, antigamente existiam pés de sumaúma, e quando faziam suas viagens de barco, de longe avistavam as

árvores, mas devido a derrubada e queimada de muitas plantas, para se fazer os campos de pastos do Moura, elas não existem mais no local.

A infância de dona Maria Lúcia, foi diretamente ligada ao sítio, já que o local antes pertencia a sua mãe. Era comum encontrar cachimbos, vasilhas cerâmicas e muitos apliques. Contudo ela nos falou que não sabia da importância dos materiais na época em que encontrava. Seguindo pelo caminho depois da área do roçado o prof. Claide encontrou vestígios cerâmicos em superfície que provavelmente são recentes (S 02°34'44.3" W 054°33'00.9"), ver figura 31B. Coletamos estes fragmentos e seu número de proveniência foi, PN 50. Levamos dona Maria Lúcia e dona Alda ao local onde é a casa do sr. Álvaro, elas não conheciam. Mostramos a elas o croqui da casa e da baixa. Perto da área de roçado Myrtle avistou e registrou um pé de limoeiro antigo (S 02°34'43.6" W 054°33'00.9"), possivelmente uma das plantas de dona Paula, pois estava perto das árvores referenciais como a mangueira e tem uma idade significativa.

**Figura 31** - A: Mangueira perto da casa de D. Paula. B: Cerâmica em superfície.



Fonte: Acervo do projeto (2022)

Saindo da área de roçado, chegamos a este caminho, ver mapa da figura 32. Este caminho segundo as informações de seu Antonio Pinto, é o mesmo caminho que D.Paula usava para acessar a parte de baixo da comunidade, caminho usava para as procissões de santo. Mapeamos todo o percurso, conforme as descrições a seguir. Sendo um caminho longo e de acesso difícil, temos a presença humana nos registros materiais encontrados. Seja nos

registros antigos como cerâmicas, líticos, núcleo etc., como nos vestígios atuais de um *suspiro*<sup>19</sup> de uma caieira encontrado perto da estrada principal.

**Figura 32** - Mapa do caminho antigo.



Fonte: Autora (2022)

---

<sup>19</sup> Suspiro é construído por latas que são encaixadas umas nas outras. É posto na abertura da caieira quando se fabrica carvão, fazendo o ar entrar e sair.

**Figura 33** - início do caminho antigo



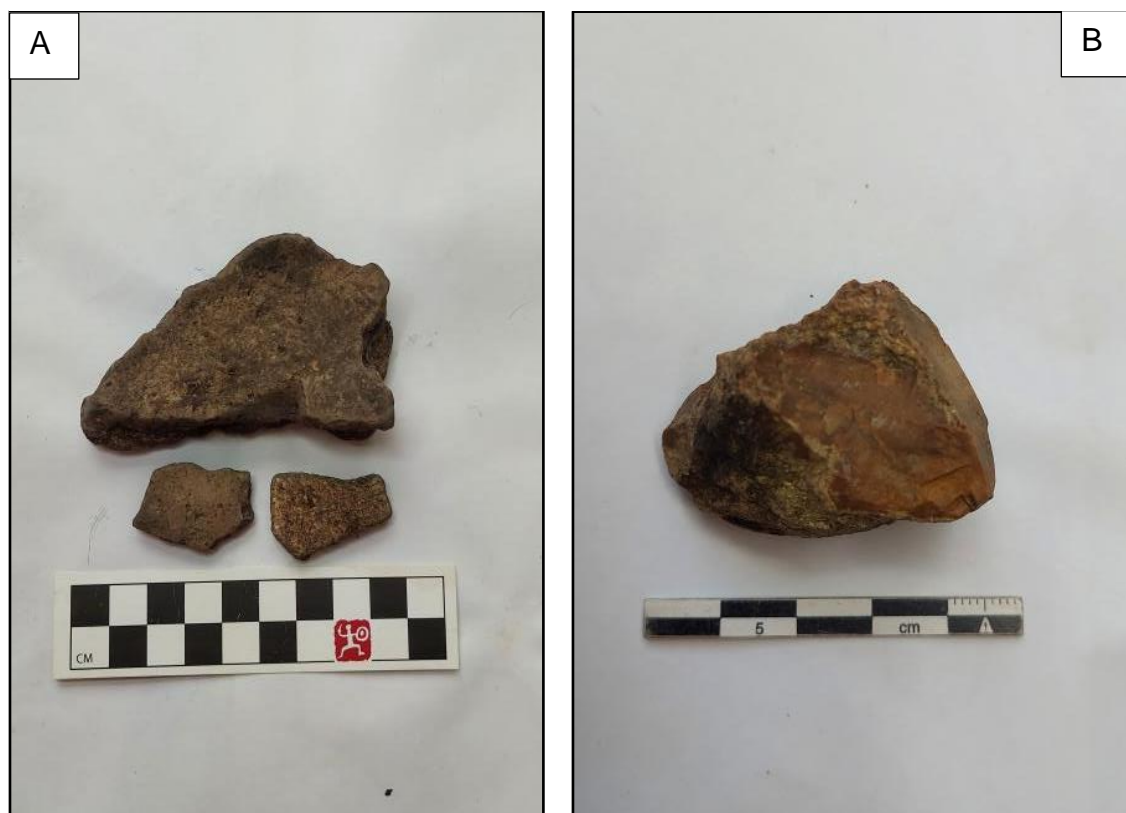
Fonte: Acervo do projeto (2022)

Sugerimos que D.Alda e D.Maria Lúcia poderiam retornar, já que o caminho é bastante íngreme e de difícil acesso. Mas elas optaram a fazer o trajeto conosco, segundo elas, já ouviram algumas histórias, sobre o local ser um antigo cemitério de cerâmica (**caminho:** S 02°34'38.1" W 054°33'00.5"). Na figura 33, temos Anne, Myrtle e Tarcísio, em diferentes pontos do início do caminho, percebe-se vários relevos, sendo isso presente em todo o percurso. Tarcísio foi nos guiando pelo trajeto, ver figura 29, como o caminho tem muitas pedras, muitas das vezes nos seguramos em cipós ou nos galhos que tinha na mata, para não correr o risco de cair, e em outras partes foi necessário se agachar para continuar.

No decorrer do caminho encontramos muitos vestígios cerâmicos e líticos, coletamos três fragmentos, ver figura 34A, foi também coletado um núcleo de sílex PN 51 ver figura 34B. De início não era intencional coletar fragmentos de superfície, no entanto esses materiais nos chamaram atenção, pois a espessura variava de um material ao outro, conforme vemos na imagem.

Concluído o mapeamento, levantamos hipóteses dessa movimentação de pessoas no passado, talvez seria um caminho de acesso à água, já que está em uma área na serra onde não se tem fontes de água. E ao mesmo tempo pensar que poderia apenas ser um local onde as pessoas estavam descartando os objetos que não se utilizavam mais. As informações de Antonio Pinto forma essenciais para essa compreensão do local.

**Figura 34** - A: cerâmica, coletada da superfície. B: Núcleo, coletado da superfície.



Fonte: Autora (2022)

Poder retornar ao Sítio Moura, e percorrer o local pelo caminho da aldeia da Cavada, contribuiu bastante para nossos estudos sobre o sítio. Algumas dúvidas sobre o local, foram respondidas pela paisagem, as árvores de referências, os registros materiais e os relatos de nossas contribuintes. E como

fonte importante para entender sobre o sítio e as antigas habitações a entrevista de dona Maria Lúcia, foram essenciais na construção desse pensar.

Ao retornar para Murumurutuba, neste mesmo dia, na parte da tarde, percorremos o caminho até o seringal da família Pinto (S 02°34'36.7" W 054°33'15.5"), Para comparar com os outros seringais e conhecermos sobre as atividades feitas pelos antigos, como eles movimentavam a economia local, Segundo Antonio Pinto (Beija), as diferentes marcas encontradas nas seringueiras indicam que parte das árvores já não davam mais leite, por isso era feito em outra direção outros cortes, ver figura 35A, nesta imagem Tarcísio explica sobre os cortes que eram feitos, e quando era bem feito dava bastante leite. Papai falou que era necessário limpar o pé da seringueira, antes de extrair o leite. Ele demonstrou um exemplo de como o vovô Neném Pinto, fazia para coletar o látex, ver figura 35B, fazendo o corte na árvore e pondo uma lata de comida enlatada, para que o leite caísse no recipiente. Seu Neném Pinto se aposentou como soldado da borracha.

**Figura 35** - A: Corte na seringueira. B: Método de coleta do látex.



Fonte: Acervo do projeto (2022)

Realizamos nos dias 07 e 08 de outubro de 2022 em Murumurutuba o curso de formação para professores quilombolas do planalto, intitulado: *Arqueologia quilombola que “visa apresentar conteúdo sobre arqueologia da região amazônica, especialmente sobre os quilombos do planalto santareno e sua região, para professoras/es do ensino básico e estimular que as/os mesmas/os compartilhem suas experiências nas escolas onde atuam”*. O curso foi realizado em Murumurutuba (figura 36), com os professores de: Murumurutuba, Murumuru, Tiningú e Bom Jardim. A equipe destes dias foi composta por: Myrtle Pearl Shock, Anne Rapp Py-Daniel, Gabriela Prestes Carneiro, Rafaela dos Santos Pinto, Tarcísio Pinto Vandekoken, Elaine dos Santos Pinto e Patrícia Marinho de Carvalho.

**Figura 36** - Professores quilombolas no curso realizado em Murumurutuba



Fonte: Acervo do projeto (2022)

Apesar dessa ação não ser considerada exatamente como um campo, ela é um campo de interações com professores e lideranças, que nos escutaram e compartilharam experiências. Participar desse evento foi uma experiência incrível para nós, como alunos e pesquisadores do quilombo, ministrar esse curso é uma forma de trazer um retorno do que estamos fazendo na comunidade. Foi muito bom ter conosco arqueóloga Patrícia Marinho de Carvalho, ver imagem 37, que até então só conhecíamos pelas suas pesquisas. Vivemos essa experiência de encontrar com a pessoa que nos inspira em pesquisar sobre nossas origens. Eu me vi na trajetória dela, é como ela mesma diz “*a diáspora nos une*”. No dia 07 (sexta-feira) o evento teve início às 13h30 da tarde. Contamos com o apoio da Secretária Municipal de Educação-SEMED, na pessoa do professor Mário Bentes, apoio da escola São Sebastião e do programa Arqueologia nas Escolas. Neste primeiro dia, as professoras Anne, Myrtle e Gabriela, apresentaram sobre a arqueologia amazônica de uma maneira geral, através das datações, vestígios da fauna, vestígios na paisagem, ósseos, entre outros. Notamos que os professores do quilombo, se sentiram à vontade para comentar e participar da dinâmica da aula.

**Figura 37** - Patrícia Marinho, fala aos professores



Fonte: Acervo do projeto (2022)

No sábado dia 08, iniciamos as atividades a partir das 8h da manhã. O conteúdo deste dia foi sobre a Diáspora africana, a fala inicial foi da Patrícia Marinho. Ela falou da sua trajetória como mulher negra, militante do movimento, de religião de matriz africana e sendo uma das poucas pesquisadoras negras na área de arqueologia. Vale lembrar que em comunidades quilombolas nem todos professam a mesma fé, em Murumurutuba, por exemplo, há pessoas católicas, evangélicas, mas até o momento ninguém se identifica como sendo de religião de matriz africana, sabemos que têm alguns, mas que preferem não comentar. E neste curso estavam presentes pessoas de várias denominações religiosas. Falo isso pois a conversa da Patrícia Marinho foi tão leve e sensata que de maneira alguma constrangeu as pessoas, ao falar da sua pesquisa sobre quilombos e as plantas de poder. Com isso, todos se sentiram participantes na fala dela, e ainda lembraram dos tempos dos antigos sobre a utilidade de algumas plantas citadas, tanto para se fazer remédios como para banhos. E como ela citou neste dia, a memória foi a única coisa que não tiraram dos africanos.

Na parte da tarde, Rafaela, eu e Tarcísio compartilhamos nossas pesquisas e resultados. Ter esse espaço e momento de fala com nossos antigos professores e a escola foi gratificante. Rafaela apresentou sua pesquisa, que faz parte do programa: *Arqueologia nas Escolas: História da Amazônia*, coordenado pela prof.<sup>a</sup> Anne. Dentre as pessoas que participaram além dos professores, estavam dona Raimunda e dona Alda. Em seguida apresentei meus resultados do projeto de iniciação científica: *identificação e estudo de sítio arqueológico em área quilombola*, foi a partir dele que escolhi o tema de meu trabalho de conclusão de curso. Depois Tarcísio apresentou o projeto: *Estudando os modos de vida através da seringa no quilombo de Murumurutuba*, onde ele fez uma apresentação bastante dinâmica com os professores e falou como a seringa era um fator de economia do quilombo nos tempos anteriores e quais propostas e ideias para se usar a seringa nos dias atuais.

Outra ocasião em que compartilhamos resultados, foi na própria universidade para os colegas de curso, nos dias 10 e 11 de outubro de 2022 com

o tema: *Arqueologia e diáspora africana*. Na qual Patrícia Marinho, eu e Tarcísio, fizemos rodas de conversas com os colegas, Patrícia apresentou de uma maneira bastante didática o que é a diáspora africana e a arqueologia em quilombos.

Retornamos para o quilombo de Murumurutuba nos dias 14 e 15 de outubro. Para continuar as atividades de mapeamento de caminhos antigos, casas, árvores e entrevistar alguns moradores da comunidade. Para ajudar a compreender as etapas seguintes, o mapa a seguir, ver figura 38 apresenta as principais vilas de Murumurutuba. Vila é o nome dado para cada aglomerado das famílias que residem na comunidade, como forma de organização do quilombo. Segue o nome das vilas: Vila Bentes, Vila Pinto (a maior), Vila Pereira, Vila Batista (a segunda maior), Vila Araújo e Vila Rocha. Destaquei outras famílias menores como da dona Nilma Dolzane. E família de seu Ceará e dona Graça, que não se identificam como quilombolas, mas têm parentesco com a vila Pinto por parte da dona Graça.

**Figura 38** - Mapa das vilas



Fonte: Autora (2022)

Com isso no dia 14 (sexta-feira), a entrevistada foi dona Raimunda Pereira, neta de seu Boaventura, segundo ela um dos primeiros moradores a ocupar o quilombo, ele teria vindo diretamente da África, nos porões dos navios que faziam esse tráfico dos africanos.

Neste dia estavam participando da equipe: Patrícia Marinho, Anne Rapp, Rafaela Pinto, Tarcísio Vandekoken, Rodrigo Sousa e eu. Só registrando que o Rodrigo é aluno do curso de história, sobrinho da prof.<sup>a</sup> Anne. Seguimos para a casa da dona Raimunda por um antigo caminho, para passar pela casa de dona Catarina, antiga moradora. Encontramos os vestígios da casa, como: piso de concreto, o resto da casa era de madeira, de acordo com as informações que Tarcísio conseguiu. Ver figura 39A, onde mostra o piso coberto de folhas, e na figura 39B o bloco de concreto na base da casa (S 02°34'28.3" W054°33'19.0"). Neste local há várias plantas frutíferas e outras árvores. Também registramos seringueiras virgens e cortadas: **seringueira virgem**: S 02°34'28.6" W 054°33'18.7", **cortada e mangueira**: S 02°34'28.6" W 054°33'18.7". Próximo a essas seringueiras cortadas, existem outras menores virgens, provavelmente as seringas mais velhas expeliram frutos e, com isso nasceu as demais.

**Figura 39** - A: Piso da casa da Catarina. B: Bloco de concreto.



Fonte: Acervo do projeto (2022).

Perto da casa de Dona Catarina, encontramos um caminho antigo, que no passado era acessado para pegar água no poço da dona Raimunda, que fica perto do igapó. O local onde dona Raimunda reside é conhecido como a vila Pereira. Logo, chegamos na residência de dona Raimunda, onde ela nos recebeu com muita alegria (S 02°34'24.6" W 054°33'22.7"). A intenção das entrevistas é deixar as pessoas a vontade para contar suas vivências, somente Rafaela e Patrícia ficaram para fazer a entrevista. Dona Raimunda falou sobre os caminhos antigos, como o inverno era muito forte na comunidade foi necessário fazer uma estrada entre o terreno dela e o do seu Ceará, que é vizinho dela (S 02°34'26.1" W 054°33'22.9"). Ela nos mostrou onde foi feita a primeira casa da sua família, que era coberta de palha e embarreada, ou seja, as laterais e o piso eram de barro (S 02°34'27.2" W 054°33'22.9"). Seguindo, ela mostrou uma antiga casa de farinha, **ponto casa de farinha: S 02°34'25.7" W 054°33'22.9"**. Sobre as plantas medicinais ela tem no seu quintal: emenda-osso, algodão roxo, pião branco e outros, além de conhecer as plantas, ela faz remédios caseiros.

Saindo da casa de dona Raimunda seguimos em direção ao antigo poço, o mesmo que dona Catarina usava para pegar água. No caminho até ao poço, registramos um pé de bacabeira (S 02°34'20.6" W 054°33'22.0"). Neste ponto há 7 bacabeiras e 8 pés de cupuaçu, que ficam ao lado do caminho que desce para o igapó. No decorrer do trajeto registramos outras árvores, dentre elas a paxiúba (S 02°34'20.1" W 054°33'21.7"), pés de açazeiros e cupuaçuzeiro, é um local perto do igapó. Chegando na área do igapó (S 02°34'19.6" W 054°33'21.7"), que é uma área alagável, um local bastante úmido e com lama, o tamanho de algumas árvores nos chamaram atenção por ter troncos e cumprimentos avantajados.

Encontramos o seringal de dona Raimunda (S 02°34'18.9" W 054°33'21.4"). Outra árvore que nos chamou atenção ao avistarmos de longe, foi o pé de cumá (S 02°34'18.4" W 054°33'21.1"), ver figura 40A. Chegamos ao local do poço (S 02°34'18.7" W 054°33'19.6"), ver figura 40B. Segundo as informações que o Tarcísio nos apresentou, esse poço foi cavado. No passado

as pessoas pegavam água neste local, porque apesar de estar na área de igapó, é perto da estrada principal. Tarcísio nos contou que, de acordo com a sua memória de infância, o local foi requisitado por um encantado que pediu exclusividade para o poço, o nome do encantado era *Barbudo*. Segundo as informações dos moradores, o *Barbudo* era o protetor deste local, meninos que iam “balar” passarinhos, ou perturbar em horário de meio dia, o espírito castigava. Sendo que o encantado vinha em sonho para visitar a pessoa, como foi o caso de um adolescente da idade do Tarcísio, frequentemente o encantado falava através dele. É muito comum em comunidades quilombolas, indígenas ou tradicionais, ter esses locais que são protegidos por seres encantados, ou seja, não são apenas um local para ter acesso a água, mais um ambiente, que se relaciona com o sagrado. Continuando o percurso avistamos outro pé de cumaí (S 02°34'19.1" W 054°33'18.3) que marca visualmente a paisagem, pois tem troncos e comprimento avantajados.

**Figura 40** - A: Pé de cumaí. B: Poço D. Raimunda



Fonte: Acervo do projeto (2022).

Saindo da Vila de D. Raimunda Pereira, chegamos à vila Pinto, na antiga casa do seu Manduca e dona Alexandrina, moradores antigos da comunidade. Próximo registramos um pé de socoró (S 02°34'19.7" W 054°33'16.8"), e uma seringueira em processo de morte (S 02°34'19.2" W 054°33'16.8"). Perto deste local, chegamos ao antigo caminho da família Pinto, onde as pessoas acessavam ao porto de canoas e ao poço para pegar água e tomar banho. Registramos o início desse caminho (S 02°34'19.1" W 054°33'16.7"). O poço mesmo sendo pequeno existe uma divisão, um espaço para pegar água para beber, e outro espaço para lavar roupa, louça e tomar banho. Este poço, segundo as informações de nossos mais velhos, é o poço protegido pelo encantado conhecido como a Sapa (S 02°34'17.0" W 054°33'16.3") de acordo com o que a dona Ruth nos contou.

Neste local, perto do poço, existem vários pés de cacau, S 02°34'16.8" W 054°33'15.4", pé de andirobeira, S 02°34'15.3" W 054°33'15.4". Encontramos seringueiras, que pertenciam ao Sr. Neném Pinto (S 02°34'14.7" W 054°33'14.9"), encontramos outros pés de andirobeira e açazeiros. Percorrendo pelo riacho, chegamos num ponto do trajeto onde é o limite entre das famílias dos Bentes e dos Pinto (S 02°34'12.8" W 054°33'14.0"). Perto deste local, encontramos outro pé de andirobeira, bem maior que as outras (S 02°34'10.8" W 054°33'14.0"). Mapeamos até o local onde ocorreu a maior e última cheia da comunidade (S 02°34'08.1" W 054°33'14.4"). A cheia, é um período muito forte, de acordo com as informações da Rafaela ao entrevistar dona Alexandrina, a maior cheia tinha ocorrido antes na década de 70. Esse caminho antigo da Vila Pinto ainda nos dias de hoje é utilizado por pescadores, pois na comunidade já existe abastecimento de água. No retorno, ao chegarmos perto da estrada principal, registramos a primeira casa de farinha da família Pinto (S 02°34'21'1" W 054°33'16.3"). Na tarde o mapeamento foi feito na vila dos Araújo e dos Rochas. A equipe da tarde foi: Tarcísio, Myrtle, Rodrigo, Patrícia, Anne, eu e dona Maria Lúcia, que participou conosco para nos indicar o local da casa onde viveu com sua Tia Ricarda. Nossa primeira parada foi o local conhecido como Caraúba (S 02°33'53.4" W 054°34'41.2"), ver figura 41A Caraúba, é um ponto

turístico como igarapé na época da seca, ver figura 41B, o igarapé fica acessível aos moradores. O porto serve para o trajeto dos pescadores e para levar o gado para várzea, Caraúba é um porto recente, pois o antigo porto pertencia a seu Artumar.

**Figura 41** - A: Porto Caraúba. B: Igarapé Caraúba



Fonte: Acervo do projeto (2022)

Fonte: Elizandra Pinto (2022)

Para acessarmos esta parte da vila dos Araújo e do Rochas, fomos de carro, ela fica um pouco distante da vila Pinto. Registramos o seringal de um senhor conhecido como Faustino (S 02°33'59.4" W 054°34'42.7"). Encontramos outro local de grande concentração de seringueiras, (S 02°34'00.6" W 054°34'44.5"), que provavelmente, segundo o Tarcísio, podia ser do seu Furtado,

são estes antigos moradores, há presença de pés de cupuaçu I. Como estávamos próximos aos locais sagrados, seguimos o percurso caminhando. Com isso, chegamos ao igarapé que é conhecido como Bica (S 02°34'00.7" W 054°34'48.7"), que é um local sagrado com encantados e é o ponto que divide Murumurutuba e o quilombo de Bom Jardim. Próximo existe outro caminho que dá acesso a Caraúba, onde as pessoas que moram na comunidade do São Raimundo acessam.

Passamos pelo local sagrado conhecido como *Baixa da égua*<sup>20</sup>. D. Ruth fala sobre o local ser relacionado aos encantados, e que era usado com muita frequência para irem nas festas de santo no Bom Jardim:

**Rafaela:** *A senhora disse que as vezes iam para as festas, passando pela baixa-da-égua, e ia até Bom Jardim?*

**D. Ruth:** *Isso, ia, subia a serra, que Bom Jardim sobe a serra né. A gente ia daqui, subia a serra, eles andando com o andor do santo. Andor do santo, é aquele negócio que bota o santo, dois na frente e dois atrás, era os meninos deus, o nome do santo lá da dona Lorença. E todo 25 de natal era festa lá, e aí a gente subia a serra, era muita gente, que já ia um bocado do povo aqui em procissão, e lá do Bom Jardim já pegava outro e subia a serra né. Quando chegava lá, deixava o santo lá, e a festa começava. E lá era tudo, só pagava a entrada, porque o resto tudo era de graça, tudo era de graça porque isso era promessa da velha lá. Aí a velha morreu, acabou.*

**Rafaela:** *Qual velha?*

**D. Ruth:** *a dona Lorença, que era a dona do santo e a dona da festa. (informação verbal<sup>21</sup>)*

---

<sup>20</sup> A baixa da égua, segundo os mais antigos é um local de encantado, onde no passado uma égua caiu na baixa e não retornou, por ser um local de areia movediça e sagrado, por isso a origem do nome.

<sup>21</sup> Trecho extraído da entrevista do dia 08 de outubro de 2022.

A baixa da água é um espaço fundo, hoje como o local já não é acessado com frequência, tem bastante mato ao redor, mamãe nos conta que seu pai algumas vezes precisou ir até o local retirar peças que estavam encantadas pelos donos do lugar. Chegando ao local conhecido como *Taboca* (S 02°33'59.0" W 054°34'52.9"), onde crescem tabocas, conhecido como bambu para outras pessoas, encontramos uma casa, mas que não sabemos de quem era. É interessante percorrer por estes caminhos e locais sagrados, pois são lugares que nos trazem muitas informações do mundo material e do invisível, São por estes locais que os moradores antigos acessavam para ir nas festas no quilombo de Bom Jardim, dona Ruth conta que mulher menstruada não podia passar, pois não era permitido pelos encantados, ela mesma várias vezes não ia nas festas em respeito a isso. São locais que influenciavam diretamente na vida dos quilombolas e nos ajudam a pensar na ocupação e na dinâmica da comunidade nas últimas décadas.

Ao retornarmos dos locais sagrados, registramos a casa do seu Odaías que é um antigo morador. Também como registramos a casa de dona Maria Matos e o caminho antigo. Dona Maria Lúcia nos indicou o local onde foi sua segunda casa (S 02°34'13.3" W 054°34'07.2") em Murumurutuba, perto do antigo morador chamado seu Gerson. Passamos em frente ao caminho (S 02°34'12.1" W 054°34'01.5") perto da serra do Seringueiro<sup>22</sup>. A serra dá acesso à comunidade de JP, vizinha de Murumurutuba, o local fica em frente ao caminho que leva ao porto desativado de seu Artumar, na vila dos Araújo. Registramos a casa da dona Nilma, (S 02°34'12.6" W 054°33'53.0"), que é a agente comunitária de saúde do quilombo e grande conhecedora sobre as plantas medicinais da região.

No retorno, nosso objetivo era ir com dona Maria Lúcia registrar a casa de sua tia Ricarda, que fica na vila dos Batista. O Sr. Aluízio, conhecido como

---

<sup>22</sup> Serra do seringueiro é em referência ao nome do morador da comunidade de JP (João Pereira) vizinha do quilombo.

Sarapó, morador do quilombo, nos falou que sua mãe a dona Josefa, foi quem comprou o terreno da tia de dona Maria Lúcia. Com isso ele nos indicou o Sr. Aleide, seu irmão, que poderia nos levar até o local. Registramos uma estrada antiga (S 02°34'09.7" W 054°33'30.7"), neste local tem um pé de taperebá, grande com troncos avantajados e uma grande concentração de seringueiras, presença de cupuaçuzeiro e açaizeiro. Encontramos os restos de uma antiga pupunheira (S 02°34'10.1" W 054°33'30.4"), que segundo dona Maria Lúcia era plantação de sua tia. Percorrendo o local, Patrícia Marinho localizou algumas plantas de poder, como pés de comigo ninguém pode (S 02°34'10.2" W 054°33'30.5"), ver figura 42.

Sr. Aleide nos direcionou pelos caminhos antigos, onde há presença de mangueiras. E chegamos ao lugar onde existiu a antiga igreja católica (S 02°34'11.6" W 054°33'29.4"), ainda se tem vestígios do piso da igreja, ver figura 43. Encontramos outra planta de poder, chamada Guiné, conhecida localmente como Mucura Caá, e em outros lugares como **Piripiri** (S 02°34'11.2" W 054°33'30.3"). Dona Maria Lúcia nos indicou o local onde ficava a casa de sua tia Dona Ricarda (S 02°34'11.0" W 054°33'30.7").

**Figura 42** - Arqueóloga Patrícia Marinho com um pé de comigo-ninguém-pode



Fonte: Acervo do projeto (2022)

**Figura 43** - Piso da antiga igreja



Fonte: Acervo do projeto (2022).

No dia seguinte, 15 de outubro, nos separamos em duas equipes, Anne, eu e Patrícia entrevistamos o professor Mário Bentes. Myrtle, Tarcísio e Rodrigo, mapearam os locais de memória e os cemitérios. Chegando na casa do professor Mário Bentes (S 02°34'21.1" W 054°33'08.7"), fomos muito bem acolhidas por ele e sua família. Iniciamos a entrevista, o professor falou de sua família, da educação, das fazendas que existiam na comunidade, do território quilombola, da formação da comunidade, e de religião.

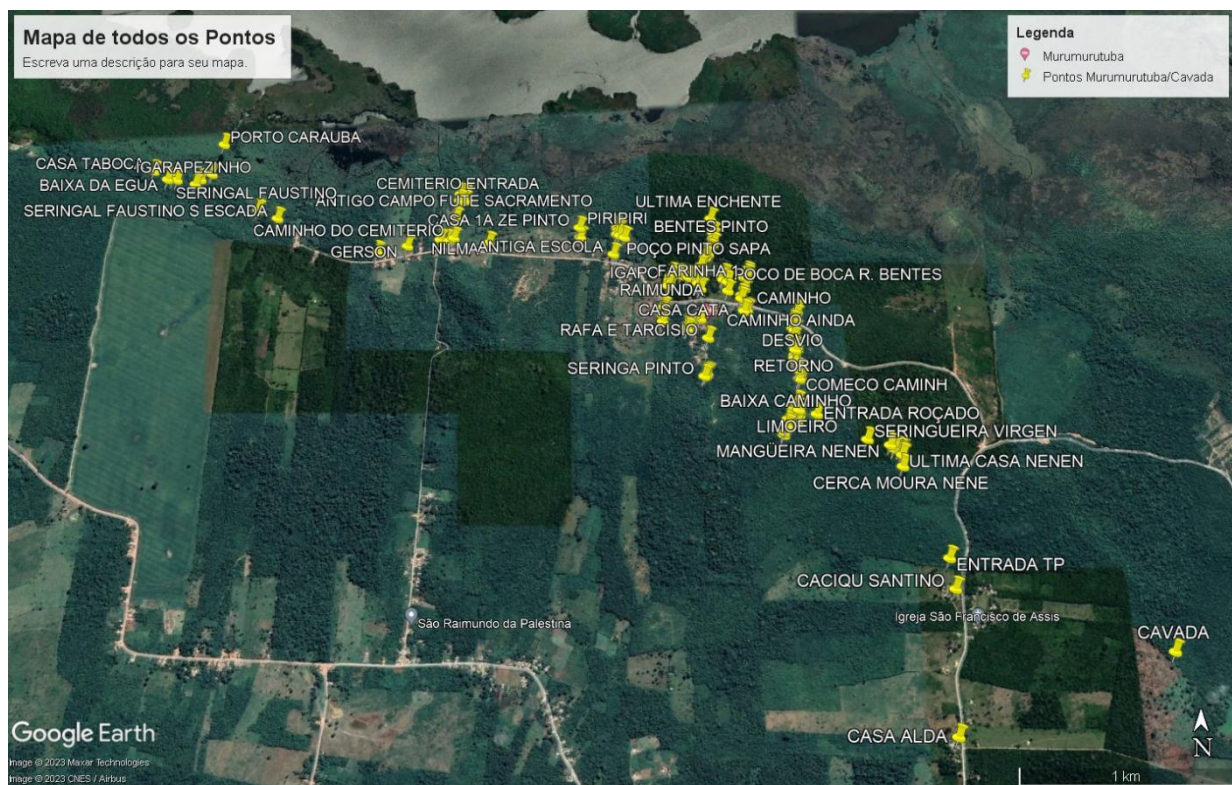
Os dados que temos e apresentamos até agora são essenciais para entendermos como foi ocorrendo a ocupação em Murumurutuba. A forma em que as famílias estão inseridas, a organização do espaço em Vilas, e os espaços que cada uma ocupa. Pelos relatos orais vemos como os encantados de certa forma controlam os espaços, mesmo que para alguns moradores a presença dos encantados não ocorra com frequência como antigamente, sabemos que eles fazem parte desse processo de formação da comunidade influenciando no mundo visível e invisível.

Tem a água como fator de movimentação das pessoas: buscar água para beber, acessar os poços de outros moradores. Essa falta de acesso à água forçou os ocupantes da área da serra do sítio de terra preta a abandonarem suas casas, como o caso de dona Paula (entrevista com Mario Bentes). Outros optaram pela venda como o caso da mãe de dona Maria Lúcia. Apesar de serem locais onde “o que se plantava colhia”, a falta de fontes de água fez que houvesse mais mobilidade das casas. Levando a remodelar os caminhos, ou abandono dos mesmos e construção de outros espaços, ou estabelecimento dos caminhos como limites das vilas.

O abandono de alguns espaços em função das cheias ou o crescimento da população local, fez com que ocorresse esse abandono. Isso é notável no mapa das vilas, esse crescimento populacional vem acontecendo com mais frequência na comunidade, principalmente por conta de antigos herdeiros estarem retornando de outras cidades para o quilombo. A paisagem nos repassa muitas informações, as seringueiras e outras plantas são de pessoas

específicas, elas têm história, elas são marcadores paisagem, delimitam espaços e contam o que aconteceu em cada local. As árvores foram os indicadores para encontrarmos as antigas habitações e os objetos. Essas evidências são uma forma de acessar a memória e a história dos nossos antigos. O mapa a seguir na figura 44, mostra os resultados de todos os pontos mapeados entre Murumurutuba e Cavada. A linha em vermelho é para localizar cada comunidade.

**Figura 44 - Mapa dos pontos**



Fonte: Autora (2022)

## **CAPÍTULO 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

De acordo com o historiador Eurípedes Funes (1995):

O estudo de uma comunidade negra remanescente de quilombo, através das lembranças dos netos e bisnetos de quilombolas, possibilita uma incursão em suas raízes históricas, tornando mais vivo um passado que sempre esteve presente em suas memórias, revelando que as sociedades formadas pelos negros fugidos da escravidão não têm que necessariamente desaparecer com a extinção de seus respectivos mocambos. Há toda uma historicidade a ser conhecida (FUNES, 1995 p.16).

Realizar esta pesquisa em minha comunidade é uma forma de manter viva a memória daqueles me antecederam e aqueles que hoje ainda estão conosco. É uma forma de registrar as histórias e vivências dos quilombolas, das nossas raízes e do nosso território. Esta pesquisa é uma forma de fortalecer minha identidade enquanto quilombola e trazer à memória os relatos passados através da oralidade dos nossos antigos. Logo cabe à nossa geração não deixar nossas lutas e vivências serem esquecidas. Como fala o historiador quilombola Antônio Bispo dos Santos “A visibilidade da luta quilombola na esfera pública brasileira é relativamente recente, tendo crescido de fato após a constituição de 1988” (SANTOS, 2015, p.13). Temos como dever tornar visível nossas histórias, e esta pesquisa é uma ferramenta para realização dessa visibilidade.

Os locais que os moradores identificam como os mais antigos, seja uma antiga habitação uma árvore, caminhos antigos, dizem muito sobre como no passado essas pessoas exerciam suas atividades no território, evidências essas presentes nos registros paisagísticos. O arqueólogo Fabio Guaraldo ao falar do quilombo de Mandira, mostra como questão territorial é como um “elo” que une os quilombos. Nos tornando uma pessoa pertencente aquele lugar. “Na luta pelo reconhecimento histórico do direito de uso de toda a extensão de seu território, os mandira permanecem recriando as formas de territorialidade herdadas pelos seus antepassados” (GUARALDO, 2012, p.82) e:

Os mandira nunca deixaram de transitar por seu território. Mesmo sendo proibidos de utilizar os recursos de suas terras e ocupar livremente seu território, eles permanecem transitando pelos caminhos antigos e acessando os portos e canais. Apesar disso, a intensidade com que os lugares antigos são acessados mudou” (GUARALDO, 2012, p.134).

Murumurutuba passou por várias mudanças ao longo do tempo, essas mudanças de um local ao outro, influenciaram na construção de novos espaços para ocupação. Pelos relatos notamos essas transformações de uso e desuso de alguns locais, seja os caminhos até o roçado, antigos caminhos utilizados para fazer as procissões de santo, antigos portos, poços ou mesmo a estrada. No entanto, mesmo que certos locais estejam “desativados”, ainda são acessados com pouca frequência para outras atividades, como caminhos antigos que servem como trilhas aos caçadores para caçar animais na mata.

A água é outro fator importante na mobilidade das ocupações quilombolas, D.Paula, foi de certa forma forçada a abandonar sua casa, por falta de poços de água nessa área de serra. Por outro lado D.Nenén vendeu sua propriedade, já que o poço que utilizava para pegar água estava longe de sua casa. Assim, apesar da área de TPI ser propícia para as plantações, a falta de água no local fez com que essas ocupantes deixassem o local de moradia.

No decorrer desta pesquisa vemos como a arqueologia dialoga com o contexto em quilombo, através das evidências que estão presentes no território. Sendo que essa interação não se limita somente ao material, como também nas histórias que ainda não estão registradas, contadas pelos mais antigos. Logo estamos produzindo uma arqueologia comprometida em contar a história da comunidade, pelas nossas perspectivas e a interação com os conhecedores locais, e como cita a arqueóloga Alice Soares: “Partindo de uma arqueologia que escava memórias, sendo uma ação política no presente” (SOARES, 2022, p.13). Ou seja, é acessar a memória não somente de uma pessoa mais de uma geração anterior, é escavar histórias que muitas vezes estão esquecidas, daí a

importância de realizar essa arqueologia quilombola e registrar o que até então estava na oralidade. O levantamento paisagístico do sítio nos informa como as pessoas estão modificando o local ao longo dos anos, sendo as plantas indicadores da ocupação quilombola do local. De acordo com Patrícia Marinho de Carvalho:

A apropriação que se faz de uma determinada árvore ou planta, seja como marcador territorial seja por seu aspecto mágico-religioso, ou ainda, por qualquer de suas características que despertem vínculos mnemônicos é sem dúvida uma ferramenta sensível a ser percebida pelo arqueólogo na investigação de qualquer sítio arqueológico, e sobretudo, sítios em contextos afrodiáspóricos, quando já se sabe da possibilidade dessas populações afrodescendentes manterem relações com a paisagem que remete a sua ancestralidade. (CARVALHO, 2018, p.53).

A mangueira é uma árvore particularmente importante para as nossas atividades, pois ela nos serve de marcador cronológico. Patrícia, ao escrever sua tese de doutorado no quilombo de Boqueirão, menciona a mangueira como indicador territorial.

A mangueira é uma árvore exótica, de origem asiática que se adaptou muito bem no Brasil, sendo abundante nos quintais de várias regiões do Brasil [...] nos sítios estudados na comunidade do Boqueirão, as mangueiras se concentram em dois pontos dos quintais. Na frente é comum encontrar uma mangueira solitária e no fundo do quintal várias outras mangueiras plantadas na frente da casa também por finalidade proteger os moradores da casa contra energias negativas” (CARVALHO, 2018, p.260-261).

Sendo a mangueira um indicador cronológico, um indicador religioso e de moradias, é comum ver essa ligação entre as pessoas e as plantas, minha mãe, por exemplo, já usou o banho de asseio da folha da mangueira, quando ela estava de resguardo. O tronco da mangueira depois de morta serve como adubo para outras plantas, inclusive já utilizamos em algumas plantas de nossa

residência. Sendo assim sabemos da importância da paisagem e das plantas no território quilombola. Pois, além de estar inserida no cotidiano dos moradores, está presente na memória. Esta pesquisa é comprometida em contar esses fatos e já estamos levando retorno e sendo reconhecidos pela comunidade, isso nos alegra muito. Em novembro de 2022 fui convidada juntamente com Tarcísio Vandekoken pelo presidente prof. Mário Bentes na pessoa do Sr. Hilário Pinto, para participarmos do estudo de delimitação do território que o INCRA está conduzindo para definir os limites territoriais entre Cavada e Murumurutuba. Esses reconhecimentos nos motivam enquanto pesquisadores, e mostram como nossas pesquisas servem como ferramentas para nossos territórios. Logo fazer esta pesquisa é uma forma de aquilombar e ocupar espaços no meio científico, na arqueologia, na universidade e na sociedade.

## REFERÊNCIAS

ACEVEDO, Rosa; CASTRO, Edna. **Negros do Trombetas: guardiões das matas e dos rios**. 2ª ed., Belém: Cejup/UFPA-NAEA, 1998

ARAUJO, Daniel Ferreira Santos. **Quilombos: A forte incidência de um povo no recôncavo e sua incessante luta pela liberdade**. Revista Direito no Cinema - Janeiro/2022.

BARBOZA, Myrian de Sá Leitão. CARNEIRO, Gabriela Prestes. CARVALHO, Patrícia Marinho. FERREIRA, Daniela. LAURINDO, Luís. MORAES, Claide de Paula. NEVES, Eduardo Góes. PINTO, Rafaela. PINTO, Elaine. PY-DANIEL, Anne Rapp. SHOCK, Myrtle Pearl. VANDEKOKEN, Tarcísio. **Memórias de vidas que brotam da terra: Permanências e resistências nos quilombos do Paranã do Maicá sob o olhar da arqueologia e da história**. Projeto de Pesquisa: “Memórias de vidas que brotam da terra: Permanências e resistências nos quilombos do Paranã do Maicá sob o olhar da arqueologia e da história” Universidade Federal do Oeste do Pará, 2021.

CARVALHO, Patrícia Marinho de. **Visibilidade do negro: arqueologia do abandono na comunidade quilombola do Boqueirão-Vila Bela/MT**. Tese (Doutorado). Museu de Arqueologia e Etnologia. Universidade de São Paulo, 2018

CUNHA, Cândido Neto da. **O cativeiro da terra na “libertação” dos escravos: Uma legislação agrária e escravista na formação do Brasil (1500-1891)**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Programa de Ciências Jurídicas. Universidade Federal do Oeste do Pará, 2020

FUNES, Eurípedes. **Nasci nas matas nunca tive senhor- histórias e memórias dos mocambos do baixo Amazonas**. Tese (doutorado). Universidade federal do Ceará. 1995

GUARALDO. Fabio Almeida. **Arqueologia da resistência e Etnoarqueologia no território Mandira-Município de cananéia/SP**. Dissertação (mestrado). Museu de Arqueologia e Etnologia. Universidade de São Paulo. 2012

HARTEMANN, Gaby. MORAES, Irislane. Contar Histórias e caminhar com ancestrais: Por perspectivas afrocentradas e decoloniais na arqueologia. **Vestígios. Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica** Volume 12 | Número 2 | ISSN 1981-5875 ISSN (online) 2316-9699. julho – dezembro 2018.

MORAES, Irislane Pereira de; COSTA, Luciana Alves; JESUS, Luciana Lopes de. **Arqueologia, lugar de fala e conexões afrodiaspóricas: experiências no território quilombola dos Povos do Aproaga - Amazônia Paraense**. Cadernos do Lepaarq, v. XIX, n.37, p. 55-74, Jan-jun. 2022.

O'DWYER. Eliane Cantarino. SOARES. Mariana Pettersen. **Relatório Antropológico de identificação da comunidade remanescente de quilombo Murumurutuba.** Programa de pesquisa identificação e delimitação das comunidades quilombolas do oeste do Pará. Centro de estudos Gerais. Universidade Federal Fluminense. 2011.

OSER JR, Charles E. FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia da resistência escrava.** V. I, nº 2. Editora da UFPEL. Pelotas, RS. Jul/Dez 2004.

PINTO, Rafaela dos Santos. **Identificação dos principais temas históricos e arqueológicos para elaboração de material didático para as comunidades quilombolas de Santarém.** Relatório de PIBEX do Projeto Arqueologia nas Escolas: Histórias da Amazônia e ao projeto de pesquisa Interseções de conhecimentos etnográficos e arqueológicos em contextos do Baixo Amazonas: o caso do território Aiaía em Santarém, Pará. Universidade Federal do Oeste do Pará - Santarém. 2019

RIBEIRO, Djamila. **O que é o lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

SANTOS. Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos: modos e significados.** UNB, Brasília, junho 2015

SOARES. Alice Matos. **Experiências Afrodiaspóricas na Arqueologia: Relatos, sensações e emoções em um Brasil do século XXI.** Trabalho de Conclusão de Curso. Programa de Arqueologia e Antropologia. Bacharelado em Arqueologia. Universidade Federal do Oeste do Pará. Santarém-PA, 2022.